

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Especialização em Psicopedagogia**

Carlos Antonio Mendes Bispo

Relação pedagógica: Professor e aluno e a interferência emocional no  
processo ensino-aprendizagem

Uma visão psicopedagógica

**PUC-SP – COGEAE – 2011**

# **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Especialização em Psicopedagogia**

Carlos Antonio Mendes Bispo

Relação pedagógica: Professor e aluno e a interferência emocional no processo ensino-aprendizagem

Uma visão psicopedagógica

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do Certificado de Especialização em Psicopedagogia – Curso de Pós-Graduação “Lato Sensu” da PUC-SP-COGEAE. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Anete Maria Busin Fernandes.

**PUC-SP – COGEAE – 2011**

- Vou aprender a nadar – disse Silvana com a alegria de seus seis anos recém-feitos.

- Vai nadar? – intervém a irmã, três anos mais jovem.

- Não, vou *aprender* a nadar.

- Eu também vou brincar na piscina.

- Não é o mesmo. Eu vou *aprender* a nadar – diz Silvana.

- O que é aprender?

- Aprender é...como quando papai me ensinou a andar de bicicleta. Eu queria muito andar de bicicleta. Então...papai me deu uma bici... menor do que a dele. Me ajudou a subir. A bici sozinha cai, tem que segurar andando...

- Eu fico com medo de andar sem rodinhas.

- Dá um pouco de medo, mas papai segurava a bici. Ele não subiu na sua bicicleta grande e disse “Assim se anda de bici...” Não, ele ficou correndo ao meu lado, sempre segurando a bici... muitos dias e, de repente, sem que eu me desse conta disso, soltou a bici e seguiu correndo ao meu lado. Então eu disse: Ah... APRENDI!

Uma mulher que escutava a cena de longe não pôde deixar de ver a alegria do “aprender” pronunciado, que havia se trasladado até o corpo da menor e aparecia no brilho de seus olhos.

- Ah! Aprender é quase tão lindo quanto brincar – respondeu.

- Sabe, papai não fez como na escola. Não me disse “Hoje é dia de aprender a andar de bicicleta. Primeira aula: andar direito. Segunda aula: andar rápido. Terceira aula: dobrar. Não tinha um boletim onde anotar: muito bem, excelente, regular... porque, se tivesse sido assim, não sei, algo em meus pulmões não teria me deixado aprender”.

“Os idiomas do aprendente” – Alicia Fernández (2001:60-61)

## SUMÁRIO

Introdução .....	05
1. Relação professor-aluno .....	07
1.1. O desejo de saber.....	10
1.2. O Processo de sedução e autoridade .....	14
1.3. A Transferência .....	19
2. A arte lançando luz sobre a relação professor-aluno: Uma análise psicopedagógica.....	21
2.1. Diagnóstico Psicopedagógico e a presença do movimento artístico.....	24
2.2. Caso Tata: Entrevista de queixa livre com a escola.....	25
2.3. Entrevista de queixa-livre com a mãe e padrasto de Tata.....	26
2.4. Primeira hora-de-jogo.....	28
2.5. Segunda hora-de-jogo.....	32
2.6. Jogo do rabisco.....	33
2.7. Desenho do par-educativo.....	35
2.8. Desenho da família.....	39
2.9. Considerações sobre o desenho do par-educativo e o desenho da família...45	
2.10. Devolutiva com a escola.....	47
2.11. Devolutiva com Tata.....	48
2.12. Devolutiva com a mãe e padrasto de Tata.....	50
3. Anexos.....	52
4. Psicopedagogia e arte cinematográfica (breve relato).....	69
4.1. Resumo do filme “Oleanna” .....	73
4.2. Análise do filme “Oleanna”.....	74
5. Considerações finais .....	81
6. Referências bibliográficas.....	82

## INTRODUÇÃO

Quando iniciei a profissão de educador na rede pública de ensino, logo nos primeiros dias percebi a angústia dos meus amigos de trabalho; muitos com dificuldade de lidar com a agressividade e irreverência dos alunos, potencializada pela adolescência em sua fase de desenvolvimento psicossocial e orgânico atrelado às mudanças da sociedade moderna; observei também que alguns professores entravam na sala dos docentes totalmente desequilibrados, revoltados, nervosos, irritados, decepcionados e, em alguns casos, em pranto; porém, outros, alegres e tranqüilos mantinham com os alunos um relacionamento profundamente carinhoso e afetivo, estes constantemente os cercavam nos corredores da escola buscando informações sobre a disciplina ou perguntando-lhes sobre o seu “estado emocional”, pois percebiam, pelo relacionamento que mantinham, mudanças de humor que ocorriam ocasionalmente com seus “amados mestres”.

Nesse relacionamento quase que íntimo, observei que esses professores recebiam pequenos presentes como lembrança dos amorosos alunos, possivelmente como forma de “seduzi-los” em busca de maior atenção, cuidado e carinho, enquanto que os professores rígidos, distantes desse “modelo” de relacionamento, eram pouco procurados e ouvíamos a respeito dos mesmos, comentários maldosos que eram conjeturados pelos alunos, os quais, de forma indiscreta, compartilhavam suas opiniões com outros professores, desconhecendo a ética do contexto profissional, ao qual os companheiros de trabalho do docente interpelavam bruscamente “certos comentários” de âmbito pessoal.

Cada dia que passava, indagava a mim mesmo o que ocorria com esses docentes.

Por que alguns eram rígidos, sistemáticos para com os alunos e para consigo e outros profissionais tão carinhosos, afetivos e acessíveis ao conhecimento de si e das suas disciplinas?

Diante dessa situação, efetuei uma auto-avaliação e percebi que o relacionamento que mantinha com os meus alunos também era muito afetivo; havia um vínculo entre nós tão forte que não percebia e nem indagava quando, por algumas vezes, ocorria uma situação de desentendimento a ponto de chamar-lhes a atenção em público e logo depois ficava profundamente triste, não conseguia dormir tranqüilo e sentia-me culpado (mesmo tendo razão) por ferir os meus preciosos pupilos, compreendendo a repreensão aplicada, mas sentindo que a forma de falar agressiva e estúpida não foi correta.

Quando chegava pela manhã à sala de aula, ansioso por ver o meu aluno o qual feri, imediatamente pedia desculpas em público pelo ocorrido. No dia-a-dia, preparava o conteúdo da matéria como se estivesse preparando o melhor alimento para os “meus filhos”, servia-lhes com prazer ao ministrar-lhes as aulas, mas quando alguns desdenhavam, não participando do assunto exposto ou do trabalho solicitado na disciplina, sentia-me totalmente decepcionado, frustrado e pensava comigo mesmo: “-Que ingratos!”.

Imediatamente permanecia hostil com eles e eles comigo, mas aos outros que participavam do meu plano de aula e dos trabalhos solicitados, pensava: “– Como são espertos, sabem escolher, que prazer!”.

Observando a minha experiência, percebi que outros profissionais da educação, especificamente os professores, viviam cotidianamente as mesmas situações, perguntava então: - O que ocorre nesse relacionamento professor e aluno, que nos deixa tão sensíveis emocionalmente? Qual o “mecanismo” psicológico que enreda a relação pedagógica a ponto de comprometer o conhecimento e a sua transmissão? Como exercer autoridade docente sem envolvimento emocional com o discente? Como ensinar envolvendo-se com o conhecimento sem afeto com os alunos?

A partir dessa situação vivida, desejei urgentemente buscar capacitação e ferramentas específicas para “entrar” nesse universo tão subjetivo da relação pedagógica, desejando superar as minhas deficiências profissionais como professor aplicando e difundindo o conceito teórico-prático no âmbito psicopedagógico, buscando compreender por meio de referências teóricas a autoridade profissional em sala de aula e a interferência da emoção no relacionamento com os alunos no processo ensino-aprendizagem, considerando a dependência efetiva do aluno para o professor à nível de necessidades consciente como inconsciente, fator subjetivo que envolve também o professor na dependência afetiva ao aluno, tendo como consequência divergências na busca dos objetivos educacionais.

Acredito que para trabalhar a aprendizagem é necessário conhecer a teoria psicanalítica que define uma forma de ver as interações sociais auxiliando o entendimento do ser, de seus relacionamentos, do seu mundo, o que se mostra fundamental para o trabalho do profissional psicopedagogo.

“Quando se fala em uma base Psicanalítica para uso do educador, parece evidenciar uma aproximação do choque entre a atuação psicológica e psicopedagógica. Pelo contrário, a compreensão da questão sintoma-causa faz parte da prática social de Pichon-Rivière, assim como de qualquer intervenção, nos mais variados campos”. Chamat (2004:23)

## 1 - RELAÇÃO PROFESSOR–ALUNO

Na disciplina de Diagnóstico Psicopedagógico (curso de Psicopedagogia- PUC-SP 2006) tive uma experiência magnífica que levou-me a identificar com precisão a profundidade dos conflitos emocionais vividos entre alunos e professores tendo por “âncora” o fator “genitor-criança”, “pai e filho” de forma subjetiva, com o caso de Tata (nome fictício por ética determinada pelo curso), uma adolescente que vivenciou a separação paterna da família e teve como consequência distúrbios psico-emocionais no lar e na escola.

Essa experiência obtida no caso de Tata levou-me a observar atentamente o comportamento dos meus alunos em sala de aula, de forma individual; procurei inserir dentro das minhas programações de ensino, um momento específico para a prática da “escuta psicopedagógica”, ou seja, através desse procedimento observei que a maioria dos alunos com problemas de aprendizagem e, por conseguinte, de comportamento, traziam em si, consequências psico-emocionais vinculados a problemas familiares, em sua grande maioria: pais problemáticos, com instabilidade emocional, ausência ou hostilidade para com suas famílias, separação conjugal, abandono do lar, discriminação dos padrastos e madrastas na preferência dos filhos legítimos aos enteados, morte paterna ou materna, rejeição do pai ao filho desde seu nascimento...

Percebi que deficiências de aprendizagem e problemas de comportamento estavam (em sua maioria) estritamente vinculados com sentimento de rejeição, baixa auto-estima, confusão de identidade étnica e sexual (tanto nos meninos como nas meninas), complexo de inferioridade culminando em agressividade excessiva, retraimento e outros fatores oriundos dos relacionamentos familiares. Paulo Freire (2000:29) declarou a respeito da família e a criança: “A mim me dá pena e preocupação quando convivo com famílias que experimentam a ‘tirania da liberdade’ em que as crianças podem tudo: gritam, riscam as paredes, ameaçam as visitas em face da autoridade complacente dos pais que se pensam ainda campeões da liberdade”.

As informações descritas foram confirmadas através de diálogos no âmbito pessoal que efetuei com alunos do ensino fundamental e médio em escolas da Zona Leste na capital paulista, na faixa etária dos 12 aos 17 anos de ambos os sexos e as situações especificadas foram confirmadas pelos coordenadores e diretores das escolas em que trabalhei, enriquecendo ainda mais o conteúdo dessa monografia a respeito da interferência emocional no processo ensino-aprendizagem comprometendo o relacionamento professor e aluno e os objetivos pedagógicos. Morgado (2002:31), afirma que a relação professor-aluno tem como protótipo a relação original parental (pais e filhos), essa relação ocorre inconscientemente, ou seja, o professor atua com autoritarismo de forma afetiva ou enérgica, polinizando o poder e a autoridade bem como o “domínio do saber”.

Segundo ela, de acordo com a teoria psicanalítica, a autoridade do adulto sobre a criança se constitui desde o início na relação genitor-criança, pela completa “indefensabilidade” do recém-nascido que, por depender totalmente do adulto para sua sobrevivência, elege-o como figura de autoridade pelo fato de prover tudo o que precisa e protegê-lo, possibilitando a vida, acrescenta que, essa posição passiva (dependente) diante do adulto é sua primeira relação de autoridade, fator subjetivo presente na relação professor-aluno.

A mesma torna claro, pela ótica analítica, o vínculo e movimento afetivo que unem professor e aluno de forma subjetivada no âmbito da relação pedagógica através de conceitos psicanalíticos da identificação, transferência e contratransferência.

Observando o quadro descrito acima, a respeito do comportamento dos alunos em sala de aula, onde, os professores cotidianamente defrontam-se com imprevisibilidades no que tange a aplicação da matéria por eles proposta, consecução da aula e interação com os alunos, Garrossino (2005:05) aponta palavras de George Mauco “a criança que chega à escola traz consigo toda a experiência relacional que adquiriu na família. É portadora inconsciente de todas as frustrações e recalcamientos de seu drama interior pessoal”.

Acrescenta: “Portanto, alunos e professores chegam à escola carregados inconscientemente de suas histórias de vida e a partir dessas experiências vividas, sendo elas bem ou mal elaboradas por eles, é que conseguirão desenvolver as novas relações com seus professores e os demais alunos”.

A respeito disso Oliveira (2007) diz: “Em nosso tempo de civilização, reconhecemos duas instituições que regularmente participam da constituição da subjetividade de cada ser humano: a Família e a Escola”. Tanto os professores como os alunos interagem entre si com perspectivas subjetivas vinculadas com seu próprio desejo; Morgado (2002:38), citando Adorno, a esse respeito diz: “Para que a sedução triunfe, não devemos procurá-la nos eventos transparentes e conscientes da relação pedagógica, mas sim ‘nas necessidades emocionais, muitas vezes nos desejos e temores primitivos e irracionais’”. Para o professor lidar com as intemperanças dos adolescentes, jovens ou mesmo adultos, denota preparo psicológico e condições relevantes de auto-controle para conduzir e finalizar os objetivos pedagógicos propostos no dia-a-dia da sua profissão.

A relação pedagógica é definida como um espaço multidimensional onde é possível, apesar das diferenças nele presentes, transformá-lo num conjunto de relacionamento mútuo de saberes e de afetos que permite o desenvolvimento integral dos seres humanos, é fundamental ao professor desenvolver um ambiente favorável a segurança e desenvolvimento pleno dos indivíduos envolvidos na relação pedagógica.

O espaço propício para a aquisição do conhecimento e experiências deve ser permeado com expressão de afetos e emoções, necessários à estruturação da identidade do indivíduo reforçando sua auto-estima, vínculo favorável ao equilíbrio do relacionamento professor e aluno.

O processo pedagógico está fundamentado no afeto e na emoção; a respeito disso, Morgado (1995:108) declarou “Quantas vezes, nós professores, já percebemos que o aluno está mais interessado em nós do que naquilo que dizemos? Quantas vezes já nos envaidecemos com isso? Quantas vezes já abusamos disso? Por outro lado, quantas vezes já nos inquietamos, e mesmo nos frustramos com aquele aluno que nos olha com desprezo, raiva, ou então, nos trata com displicência?”.

Através desse apontamento, posso reportar-me a experiências que obtive em sala de aula no relacionamento com meus alunos, por vezes, sentia-me vulnerável às suas posturas hostis.

## 1.1 – O DESEJO DE SABER

A confiança que o aluno deposita no mestre é vinculada a angústia do “não saber”; todo processo na condução do conhecimento é permeado pela segurança e apoio concedidos pelo mestre em direção ao desconhecido. O fenômeno da transferência ocorre nesse processo, pois o aluno se lança “amorosamente” aos cuidados daquele que o levará rumo à descoberta do que, até então, está obscurecido.

Freud assevera que a transferência é o momento em que o próprio amor se revela; amor, que numa espécie de transferência negativa dá lugar ao ódio, não esquecendo que um ou outro estão muito próximos da paixão.

Quando ocorre sentimento de ódio ou hostilidade do aluno ao professor, o seu passado conflitivo é exposto, ou seja, ele revive a relação parental primitiva. Segundo Freud, as energias libidinais que foram fixadas num determinado período de sua vida, impedem o avanço intelectual do mesmo, pois seu interesse não é pelo conhecimento, mas pela repetição dos sentimentos recalçados no novo modelo.

Unido à hostilidade ou amor que o aluno dispensa à relação pedagógica, está presente também o sentimento de encantamento que nutre pela autoridade; segundo Morgado (2002:122) “..., a sedução pedagógica não se deve ao campo transferencial e sim à maneira como esse campo se estrutura e se mantém. Professor e aluno têm corpos, têm emoções: seria pedir-lhes demais que compartilhassem somente interesses intelectuais”.

A criança pode depositar no professor e na escola seus sentimentos de revolta e resistência por medo de fracassar, por ter sido muito cobrada pelos pais. No entanto quando as crianças voltam seus interesses afetivos para a escola e para a construção do conhecimento, sua ansiedade passa a ser controlada e a capacidade de tolerar as frustrações possíveis se torna mais forte; com isso há uma diminuição do alto índice de expectativa sobre si mesmo.

O processo pedagógico é justificado quando o aluno efetua as tarefas atribuídas pelo professor para “fazer bonito” ou “agradar” aquele que é o seu ideal, estabelecendo uma sedução de cumplicidade, por outro lado, muitas vezes aproveitando-se de sua autoridade e do poder de encantamento que sua função lhe favorece, muitos professores contra-transferencialmente desviam o aluno do conhecimento para mantê-lo voltado à sua pessoa.

Freud (1913) acredita que para ser um educador precisa ter a capacidade de entender as crianças para poder educá-las: “Somente alguém que possa sondar as mentes das crianças será capaz de educá-las e nós, pessoas adultas, não podemos entender as crianças porque não mais entendemos a nossa própria infância”.

É importante que mesmo sabendo da dependência que o aluno tem dele para aprender, o professor se desvincule de suas tensões e recalques anteriores e dê lugar ao conhecimento.

Essa responsabilidade pedagógica incita a perceber que somente por meio da transferência, e sabendo controlar seus impulsos, ele conseguirá ver emergir no processo educativo o desejo pelo conhecimento, concordando com a seguinte reflexão de Morgado (2002:120) “A transferência de sentimentos ternos predispõe o aluno a cooperar com o professor. Nela não existe lugar para a expressão direta das pulsões eróticas e hostis, presentes, mas sublimadas na pulsão do saber. Na consciência, manifestam-se apenas os sentimentos de afeição e respeito que canalizam as energias do aluno para o trabalho intelectual”.

Freud descrevia a origem do recalque - exclusão de sentimentos e desejos conscientes que o indivíduo não admite, mas fazem parte da vida psíquica - como um conflito psíquico entre as tendências sexuais e a consciência moral do sujeito; partindo desse princípio, tanto a educação como a moral social tem responsabilidade no aparecimento das neuroses - distúrbios emocionais característicos da ansiedade -; descobriu que há, nos sujeitos, uma defesa ao desprazer da sexualidade causado pela moralidade, essa descoberta o fez perceber que as pulsões se dividem em: pulsões do eu e pulsões sexuais.

Descreve também o desenvolvimento da sexualidade através das fases de desenvolvimento que são percebidas. A educação, ao proibir as manifestações sexuais que são próprias do período genital, inculcando na criança sentimentos morais cumpre aquilo que a oral cultural espera dela, através de atividades capazes de proporcionar outras satisfações que impeçam ao aparecimento das neuroses. Reporto-me às palavras de Millot (1987): “A educação é profilaxia que deve prevenir ambas as saídas: a neurose e a perversão”.

Nesse aspecto, ele afirma que a cegueira dos pais e dos professores em não querer ver as manifestações sexuais das crianças faz parte de um esforço em manter a amnésia como barreira de sua própria desventurada sexualidade infantil. Considera, ainda, que a repressão do educador quanto à sexualidade da criança é a representação da intensidade de seus recalques. Por isso “A educação não deve considerar nada fácil o labor de reter a sensualidade do jovem”, pois: “Na nossa cultura repousa, totalmente na coerção dos instintos, todos e cada um, temos renunciado a uma parte do nosso poderio, a uma parte das tendências agressivas e vingativas de nossa personalidade, e destas aquisições tem nascido a produtividade cultural, comum de bens materiais e idéias”.

O destino das pulsões é ser civilizado, isto é, acomodado às exigências da moralidade, através do recalque e das sublimações. Mas o desejo de saber perpassa a essas exigências e emerge sempre numa investigação sobre a própria sexualidade, Morgado (2002:89) descreve: “Como a curiosidade intelectual – ou o desejo de saber – decorre da sublimação de intensas demandas pulsionais eróticas e destrutivas, o aluno vem para a sala de aula com possibilidades de aprendizagem e conhecimento determinadas pela configuração que sua vida pulsional adquiriu durante o conflito edipiano”.

“Se o processo de recalçamento foi brando, as pulsões podem representar-se à consciência como curiosidade intelectual: estar aberto à investigação é o mesmo que querer saber de si, da própria sexualidade”.

Os professores ou educadores em geral, devem, portanto, reconhecer que: “A sexualidade humana é capaz de se satisfazer em atividades socialmente valorizadas precisamente por não estar fixada a nenhum fim e a nenhum objeto determinados instintivamente”.

Sobre a manifestação das pulsões sexuais infantis, Freud (1905) encontrou uma grande quantidade de fatores que justificam sua manifestação, e aponta ainda que: “Nos escolares, o pavor de fazer uma prova ou a tensão diante de uma tarefa difícil de solucionar podem ser importantes não só para seu relacionamento com a escola, mas também para a irrupção de manifestações sexuais”.

Acrescenta ainda que: “O comportamento das crianças na escola, que propõe aos professores um número bastante grande de enigma, merece, em geral, ser relacionado com o desabrochar de sua sexualidade”.

Atualmente em algumas escolas de ensino infantil as provas (avaliações) são executadas de forma discreta, ou seja, não se utiliza a palavra “prova” ou “avaliação” para as crianças, são aplicados exercícios de forma lúdica sem perceberem que estão sendo avaliados, procedimento esse que favorece a minimização da ansiedade tornando mais preciso a assimilação do conhecimento e a avaliação pedagógica dos mesmos.

Apesar das críticas que Freud faz a educação como reguladora dos comportamentos, chama a atenção para o período de latência sexual como o momento adequado para que a educação intervenha com mais severidade na repressão das manifestações perversas, pois é momento em que alternativas de sublimação colaboram para a formação do caráter do indivíduo ao despertar nele o desejo pelo conhecimento. A sublimação (processo inconsciente que consiste em desviar a energia da libido para novos objetos de caráter útil) é a capacidade de substituir o fim sexual da pulsão por outro não sexual, que pode ser artístico e social. Sublimar os sintomas impulsivos, isto é, agressivos que os indivíduos apresentam, às vezes até em decorrência de um mal-estar natural causado pela violência sofrida, é um desafio da educação, oferecendo a oportunidade de novas aprendizagens; mas de acordo com Freud, infelizmente: “Pais e educadores ignoram ou fingem ter se esquecido da importância das pulsões sexuais e agressivas na criança, reprimindo todas as suas manifestações, bem como toda investigação dos enigmas da vida. Criam-se assim dificuldades passíveis de provocar uma doença neurótica”.

A curiosidade infantil sobre a sexualidade é todo tempo desencorajada, ela passa a investigar solitariamente os fatos sobre si e sobre seu nascimento enfrentando muitos obstáculos colocados pelo adulto e espantando-se com as descobertas que faz.

Freud reconhece que o sentido que ele dá a sexualidade é bastante amplo e que, possivelmente, as demais pessoas dêem apenas um sentido restrito do termo, para ele o despertar sexual da criança vem desde a primeira escolha objetal e do complexo de Édipo.

Os questionamentos infantis fazem parte de um desejo de saber de tudo e podem ser entendidos como um notável interesse intelectual, o desejo de saber vai adquirir diferentes significados, segundo a educação que a criança recebe.

Para Millot (1987), Freud teria assinalado que “a aquisição dos conhecimentos depende estreitamente da relação do aluno com seus professores”, num processo de transmissão que só vai acontecer se o desejo daquele que ensina suporta o desejo de saber do aprendiz, deixando-se guiar pelo seu próprio desejo de saber. Nesse sentido, o ensino pode ser pensado pela suposta existência de um saber que não se sabe.

Importante ressaltar que o professor não está isento da influência do seu desejo, porque não está conformado com o que já sabe e, como Sócrates, reconhece que nada sabe, por isso deseja saber mais. De acordo com Lopes (1986), o reconhecimento de que nada sabe, não o impede de professar um saber de si e sobre si que se mistura aos conhecimentos do mundo, e das sociedades como sujeito inserido, porque: “O desejo de saber, uma vez manifestado, implica em identificação do aprendiz como professor. Como definir identificação? Trata-se de uma ligação amorosa entre mestre e aluno a qual facilita a compreensão entre ambos os personagens que vêm a formar um par, donde falamos em relação professor/ aluno”.

Segundo Freud (1921) “A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo. Um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal”.

## 1.2 – O PROCESSO DE SEDUÇÃO E AUTORIDADE

Quando falamos de sedução fora do contexto psicanalítico, podemos defini-la da seguinte forma:

- Dicionário Aurélio - Sedução: 3. Atração, encanto, fascínio.

- Dicionário “Etimológico” – Sedução: palavra de origem latina – “seducêre” e quer dizer: 1. Levar à parte; 2. Puxar para si; 3. Separar; 4. Dividir, repartir.

As definições apresentadas pelo “Aurélio” remetem a uma breve investigação sobre a sedução, as quais identificam alguém ou algo que tem “poder” sobre o outro, esse “poder” o coloca num lugar de vantagem, domínio, controle; o mesmo envolve, comanda, determina e decide, e um outro que, por conseguinte, está num lugar de pertencer ao outro, é dominado, controlado, envolvido, comandado, sem poder (nem força) para determinar algo ou alguma coisa, destituído plenamente do poder de decisão.

Quanto às definições etimológicas do “Nova Fronteira”, observamos que o indivíduo ou algo leva à parte, ou seja, “tira” algo ou alguém de um determinado lugar, desloca-o, separa-o para si, por outro lado, o outro, (deixa) sai (r) de um determinado lugar, (deixa) desloca (r)-se, separa-se para o indivíduo, ou seja, torna-se propriedade.

Todas as pessoas têm a ver com a sedução, isto é, são sedutoras e estão inseridas em um mundo em que a sedução é posta em prática diariamente, por diversos mecanismos cujos objetivos são a conquista – consciente ou inconsciente - do outro, exemplo disso são os relacionamentos: matrimonial, maternal, filial, fraternal, profissional etc.

A palavra “sedução” é entendida culturalmente de forma pejorativa, negativa, vinculada a coisas ruins, uma das definições apresentadas pelo dicionário Aurélio em âmbito forense é: 4. Bras.Juri. – “Crime consistente em iludir mulher virgem, maior de 14 e menor de 18 anos, valendo-se da sua inexperiência ou justificável confiança para manter com ela conjunção carnal”; a mesma palavra é entendida também como encantamento por feitiçaria etc, ou seja, o sedutor, segundo as literaturas, subverte as coisas para o mau, encarnados em líderes dos mais altos seguimentos da sociedade.

Há de se dizer também do indivíduo mentiroso, trapaceiro que induz o seu algoz para o destino por ele traçado, temos como exemplo a história bíblica de Sansão e Dalila, a qual, instigada pelos príncipes dos filisteus, seduz Sansão para contar-lhe o segredo da sua poderosa força; o que dizer também de Don Juan de Marco, conhecido entre os contos espanhóis como homem mulherengo que seduzia as mulheres disfarçando-se de seus amantes prometendo para elas casamento.

Em seu artigo a respeito da sedução Lopes (1986) descreve “Geralmente, a sedução esteve vinculada ao mito da feminilidade e ao poder que o feminino exerce sobre o masculino na conquista de seus desejos, por isso, muitas mulheres foram entendidas como bruxas e feiticeiras e levadas à fogueira pela inquisição”. (...) “Com o surgimento da psicanálise, a sedução passou a ser entendida como um processo que se sustenta no desejo de completude, na busca do outro, não no desejo apenas sexual, embora se sustente na sexualidade e na falta do falo.”

Lopes (1986) questiona a esse respeito apontando com palavras de Baudrillard: “O encanto que se pode exercer sobre o outro é sempre maléfico? Não será apenas a resposta vingadora do encanto exercido sobre nós? O jogo que aí se joga é um jogo de morte, mais próximo da morte, de qualquer modo, a que a serena troca de prazeres sexuais? Seduzir implica que se pague pelo fato de ser seduzido, isto é, arrebatado de si mesmo e tornado objeto de um sortilégio...”.

Na busca de compreender a sedução, o papel do sedutor e do seduzido, reporto-me ao apontamento de Morgado (2002:38) citando Adorno “Para que a sedução triunfe, não devemos procurá-la nos eventos transparentes e conscientes da relação pedagógica, mas sim ‘nas necessidades emocionais, muitas vezes nos desejos e temores primitivos e irracionais’”.

A escola oportuniza ao aluno conviver com a ordem, o limite e a autoridade, situações necessárias ao ato de aprender. Morgado (2002:37) “A relação pedagógica – entre um que tem saber e o outro que não tem saber – imita ou reproduz a relação originária que é a própria relação de sedução: o aluno atualiza seus conflitos edipianos na sala de aula, onde a autoridade cindida do professor personifica o conhecimento, ocupando o lugar superegóico da lei e da ordem – da onipotência das figuras parentais introjetadas”. “Winnicotti (2005:142) a respeito da figura parental descreveu “Quando alguém está realizando algo profissionalmente confiável, não pode evitar de se tornar uma figura parental”.

Porém a ordem e a autoridade que a escola oferece ao aluno deverá permitir também situações que o torne capaz de negar a existência da dominação do outro, camuflada na autoridade capacitada para inseri-lo na sociedade. O educador, através da transferência, poderá oferecer-se como mediador que o auxiliará a se afastar das fantasias primitivas para a participação em atividades escolares com objetividade, favorecendo que a criança, se desloque da fase de passividade para a fase de criatividade e produtividade.

A tarefa do professor é intermediar entre aquilo que a criança traz consigo como saber do seu universo sócio-cultural e os conhecimentos necessários ao processo de civilização; portanto, é pelos veículos da sedução, fundada na confiança básica que se inicia entre professor e aluno, que essa tarefa poderá ser facilitada, e o desejo do aluno possa evoluir dos conhecimentos do ciclo parental aos conhecimentos do mundo.

Na aquisição de autonomia intelectual, a liberdade do peso da autoridade exige um esforço grande que pode ser traduzido como a perda da ingenuidade, para o aluno, e para o educador, o sentimento narcísico de saber não se colocar no lugar do ideal, como Millot (1987) menciona: “Nessa difícil tarefa de desconstrução dos ‘pré-conceitos’ e de si mesmo pais e professores, ou qualquer outra pessoa que tiver na posição de ideal do ego, ou na condição de sedutor, deverá também mudar seus paradigmas para que a aquisição de novos conceitos, a serem formatados na mente da criança ou do aluno, não traduzam a idéia de submissão a um modelo como autoridade”.

Entendemos então que, se o educador, como verdadeiro líder, deixa seu lugar vazio, a angústia do processo educativo pode ser ainda maior. Por outro lado, o crescimento da autonomia como resultado é mais compensador. Pois para a criança a tarefa de descobrir os enigmas propostos pelas exigências do conhecimento, cativa-a ao mesmo tempo em que a angustia. Chauí (1980) é insistente quanto ao lugar que o professor deve ocupar na construção do conhecimento: “O professor precisa fazer um esforço cotidiano para que seu lugar permaneça vazio, pois seu trabalho é tornar possível o preenchimento desse lugar por todos aqueles que estão excluídos dele e que aspiram por ele e pelo qual não poderiam aspirar se já não estivesse preenchido por um senhor e por um mestre. Porque existe o lugar do professor; mas existe como lugar vazio, todos podem desejá-lo e ninguém pode preenchê-lo. (...) o diálogo do aluno é com o pensamento, com a cultura corporificada nas obras e nas práticas social e transmitida pela linguagem e pelos gestos do professor”.

Para Morgado (2002), o professor pode ocupar o lugar da autoridade porque contra-transferindo e se tornando o professor idealizado, transforma-se em sedutor. E seduz porque ocupa o lugar de uma relação libidinal presa nos períodos pré e pós-edipiano, uma vez que a vinculação erótica à autoridade se inicia anteriormente ao complexo de Édipo.

Após, o aluno estará vulnerável a sedução contra-transferível, do professor ou de qualquer outra pessoa que ocupe o lugar do vínculo afetivo. Esse vínculo se estabelece sem que professor e aluno o percebam. Diante dessa colocação Morgado (2002:39) argumenta: “Assim, para que o processo educativo triunfe, é necessário que a pulsão sexual seja sublimada pela atividade intelectual, e que a vinculação erótica entre professor e aluno seja inibida em seu objetivo sexual, assumindo uma feição erótico-intelectual”.

O sentido psicanalítico de que a educação desvia a mentalidade infantil de sua natureza perversa pela incorporação de normas civilizadas, aquele que educa adquire sobre a criança uma autoridade pautada no poder que representa e na exigência de obediência. Nesse transcurso a força de um discurso latente desvia um discurso manifesto não da sua verdade, mas para a sua verdade. O poder que demanda desse desafio é o da persuasão e da coerção, o que não representa autoridade, é preciso que o aluno não encontre o professor ocupando o lugar do líder absoluto, mas em seu lugar encontre a lacuna, ou seja, o vazio que mantém vivo o desejo.

A posição que o professor ocupa é por demais arriscada, pois convive cotidianamente com a tentação de se manter no lugar do mestre e fazer dos alunos discípulos permanentes. Esse é um sintoma que pode ser traduzido pela ausência de um diálogo entre aluno e professor, ou quando o diálogo entre o aluno e o conhecimento só se realiza através da linguagem do professor, colocado como mediador do processo.

O universo simbólico em que o professor representa seu papel, quer ele queira ou não, tem uma conotação autoritária, visto que a autoridade do educador é legitimada pela instituição que reproduz a hierarquia social. Porém o poder da sedução imanente na figura do professor vai ajudá-lo a superar essa contradição e a assumir o compromisso com a autonomia dos alunos, conquistando, assim uma autoridade que carrega com resquícios da compreensão grega, pois estará relacionada, com a forma que enfatiza os conteúdos, o domínio sobre eles e uma certa “sabedoria” visível aos alunos.

Freud (1905) acredita que para ser um educador precisa ter a capacidade de entender as crianças para poder educá-las: “Somente alguém que possa sondar as mentes das crianças será capaz de educá-las e nós, pessoas adultas, não podemos entender as crianças porque não mais entendemos a nossa própria infância”. A sala de aula, esse universo em que coabitam sujeitos de diferentes tradições, é palco das manifestações inconscientes – ou conscientes – dos mais diversos sintomas. Alunos, professores e conteúdos de ensino se inter-relacionam através dos processos psicossociais de idealização, identificação, transferência e contratransferência.

É no solo desse universo micro-social que os processos de ensino e de aprendizagem vão se constituindo e encontrando os obstáculos que se erigem da difícil relação entre os indivíduos, aqui representados pelos pares: mestre/discípulo, professor/aluno, pai/filho, liderança/liderado, na condição de sedutor e seduzido.

Lopes (1986) diz que através da transferência o professor conquista a simpatia dos alunos, enquanto esta não ocorrer, qualquer outra ação educativa torna-se impossível. E acrescenta que: “Os pedagogos reconhecem que o essencial é o desejo de aprender da criança, e se esmeram em elaborar métodos capazes de suscitá-lo ou estimulá-lo. Mas curiosamente, parecem ignorar a importância das fontes libidinais do desejo de saber e a influência inibitória do recalque sobre a curiosidade intelectual. Quando a criança chega à escola, o essencial no que concerne à sua capacidade de sublimação já está definido. (...) Poderíamos dizer que, do ponto de vista da psicanálise, os métodos de transmissão dos conhecimentos importam pouco frente ao desejo de aprender da criança”.

Depreende-se dessa citação que a exploração da questão da sedução na relação pedagógica esbarrou no problema da autoridade, o que leva a crer que o poder da autoridade é fascinante e por isso aquele que ocupa essa posição já carrega em si um certo encanto, no entanto, não pode suprimir uma coisa que é fundamental em tudo isso: o desejo de saber que emana da sexualidade e que justamente esta, encaminha a sedução.

E para finalizar, retoma-se Kupfer (1989) que localiza a condição de mestre como aquela de que vai além da possibilidade de acesso do aluno ao conhecimento, porque – segundo a autora - professor e aluno “são sujeitos de uma relação transferencial onde ali está colocado um espaço onde o pensar e o desejar podem circular, produzindo reflexões, pensamentos novos, ou seja, alunos pensantes, desejos de saber, esfomeados por conhecimento”.

### 1.3 - A TRANSFERÊNCIA

A transferência é antes de tudo a verificação de que uma coisa chega a um lugar onde não aparecia antes, e que pode ser assim “deslocada”, ela toma uma significação e uma função inéditas; significação e função que se impõem ao sujeito porque ele descobre que o que ele encontra assim é o que ele procurava.

Nesse sentido, percebe-se que a transferência não se processa sem que antes tivesse passado pelos estágios de idealização e identificação com o outro, sabendo disso, podemos observar que tanto professor como aluno adentram o ambiente de ensino subjetivamente com esse “desejo”. Esses estágios são expressões sentimentais facilmente percebidos numa relação que se inicia ou na relação da criança com seus pais, professores ou ídolos. A idealização se manifesta por um desejo de tornar-se semelhante ao outro, isso é, querer ser como o outro por tê-lo como modelo. A idealização é, portanto, busca, de um modelo com quem possa se identificar.

Freud (1905) definiu transferência da seguinte forma: “Que são transferências? São novas edições, ou fac-símiles dos impulsos e fantasias que são criados e se tornam conscientes durante o andamento da análise; possuem, entretanto, esta particularidade, que é característica de sua espécie: substituem uma figura anterior pela figura do médico. Em outras palavras: é renovada toda uma série de experiências psicológicas, não como pertencentes ao passado, mas aplicadas à pessoa do médico no momento presente”.

Segundo Morgado (2002:67) “Freud denominou de transferência esse processo psicológico que atualiza o protótipo da relação original. Trata-se, efetivamente, de transferir para a nova relação os sentimentos e as expectativas depositado em uma relação passada”. Acrescenta apontando palavras de La-planche & Pontalis (op. Cit. P. 669) “Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis, vivida com uma sensação de atualidade acentuada”.

Bohoslavsky (1977:131) denomina fenômenos transferenciais e transferência da seguinte forma: “Por fenômenos transferenciais entendemos a atualização de relações interpessoais ausentes no campo geográfico presente. Do mesmo modo, o termo ‘transferência’ refere-se a exteriorização de objetos internos e de vínculos com os mesmos, ou seja, em outras palavras, o comportamento mediante o qual os objetos, acontecimentos e fenômenos de uma situação presente convertem-se em depositários de objetos internos”.

Na relação pedagógica a transferência é a substituição de uma figura anterior, isto é, dos pais, pela figura do professor ou de outra pessoa que represente a autoridade, que ocorre consciente ou inconscientemente, na relação professor e aluno.

Para Morgado (2002) essa transferência pode ser traduzida em duas circunstâncias: uma, a identificação que advém da reedição da relação original, e a outra é, que justamente tudo isso, pode dificultar a concretização das atividades propostas, pois ao reavisar a relação passada o aluno não vê o professor real.

Nesse processo transferencial no qual a relação pedagógica se estabelece, professor e aluno se identificam não como pessoas reais, mas como os objetos idealizados que cada um traz consigo.

## 2 – A ARTE LANÇANDO LUZ SOBRE A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: UMA ANÁLISE PSICOPEDAGÓGICA

A arte permeia a realidade humana, transitando entre as culturas, desde a mais remota até as modernas, em todos os continentes, manifestando-se de várias formas, nas danças, nos teatros, nos filmes, nos desenhos, nos artesanatos, nas pinturas em geral, nas construções, esculturas etc.

Antes de discorrer o tema desse capítulo, é fundamental explicitar a definição da palavra arte e sua abrangência no contexto cultural humano.

Segundo o dicionário da Língua Portuguesa Aurélio a palavra arte origina do latim “arte” é definida como:

1. Capacidade que tem o ser humano de pôr em prática uma idéia, valendo-se da faculdade de dominar a matéria; 2. A utilização de tal capacidade, com vistas a um resultado que pode ser obtido por meio diferentes.

Existem outras definições explicitadas, porém, é importante apontarmos algumas de cunho técnico.

- **Arte abstrata** - Abstracionismo;

- **Arte cibernética** - Qualquer manifestação artística do séc. XX que utiliza as tecnologias modernas, como informática, xerox, holografia, fax, transmissões via satélite etc;

- **Arte cinética** - Forma de arte que rompe com a imobilidade da pintura e da escultura tradicionais; as obras, em três dimensões, têm partes móveis animadas por motor, pelo movimento do ar ou por impulsão manual. [Cf. móbile.]

- **Arte conceitual** - Corrente artística surgida na década de 1960, que privilegia o conceito, a idéia (por oposição ao objeto em si) e que não se prende especificamente nem à pintura nem à escultura; o artista recorre a associações que convidam à reflexão.

- **Arte concreta** – Concretismo;

- **Arte culinária** - Arte de preparar alimentos segundo normas gastronômicas ou dietéticas;

- **Arte da gramática** – 1. Na educação latina medieval, uma das disciplinas humanísticas que compunham o trívio (três vias). 2. A descrição gramatical de uma língua.

- **Arte de propaganda** -1. Conjunto de atividades relacionadas com a apresentação gráfico-visual de anúncios. 2. Especialização dos artistas (leiautistas, ilustradores, fotógrafos) que trabalham na preparação de um anúncio.

- **Arte de vanguarda** - A que apresenta características inovadoras na forma e no conteúdo, opondo-se geralmente aos padrões aceitos pelo consenso geral.
- **Arte do livro** - Parte das artes gráficas que, compreendendo a judiciosa escolha de papéis e tintas, a tipografia, a ilustração e a encadernação, tem por fim a harmoniosa integração, no livro, de sua dupla função de objeto de estudo e de objeto de arte.
- **Arte do marinheiro** - Arte de fazer costuras em cabos e lonas, de dar nós e voltas em cabos, e de executar outros trabalhos artesanais próprios do marinheiro de convés.
- **Arte dramática** – Teatro.
- **Arte informal** - Designação comum às tendências abstratas que se manifestaram depois da II Guerra Mundial, cujas características são a espontaneidade, o uso expressivo da matéria pictórica e de materiais heterogêneos, o equilíbrio da composição.
- **Arte mágica** - 1. Magia, feitiçaria. 2. Prestidigitação.
- **Arte marcial** - Repertório mais ou menos sistematizado de técnicas, movimentos e exercícios corporais para defesa e ataque, com emprego de armas ou sem ele. [A maioria das técnicas assim denominadas é de origem oriental].
- **Arte moderna** – Modernismo.
- **Arte naval** - Estudo do navio, sua estrutura, equipamento, conservação, e das manobras que com ele se fazem e fainas que nele se realizam.
- **Arte plumária** - A arte indígena de trabalhar plumas coloridas.
- **Arte publicitária** - Arte de propaganda.
- **Arte rupestre** - Os desenhos, pinturas, etc., feitos nas cavernas pelos homens pré-históricos; inscrição rupestre.
- **Artes aplicadas** - As que se ocupam das qualidades de beleza, elegância, etc., de qualquer objeto de produção artesanal ou industrial.
- **Artes de reprodução** - O conjunto das artes gráficas que se realizam em duas fases distintas: a da criação de uma fôrma e a da multiplicação, por impressão do trabalho nela executado, assim compreendida: a gravura, a tipografia e a fotogravura.
- **Artes do espetáculo** - Designação comum às artes que envolvem o espetáculo, e das quais o teatro e o cinema são as principais.

- **Artes gráficas** - 1. Conjunto de processos e atividades usados para obter a reprodução, em qualquer número de cópias, de imagens e de escritos, mediante fôrma, chapa gravada ou matriz. 2. Restritivo: Conjunto das atividades que compõem o processo industrial de produção gráfica.

- **Artes liberais** - Na Idade Média, designação comum às matérias de instrução e ensino ministradas sob a égide da teologia e que se dividiam em trívio – do latim “trivium” - (três vias) e quadrívio – do latim “quadrivium” - (quatro vias).

- **Artes mecânicas** - As que se baseiam no trabalho manual, especialmente com a utilização de ferramentas ou máquinas.

- **Artes menores** - Ramo da arte que se ocupa da feitura de objetos em que o fator estético se alia à utilidade prática: A cerâmica, a encadernação, o bordado são artes menores.

- **Artes plásticas** - As que se manifestam por meio de elementos visuais e táteis, como linhas, cores, volumes, etc., reproduzindo formas da natureza ou realizando formas imaginárias; belas-artes; arte. (Compreendem o desenho, a pintura, a gravura, a colagem, a escultura, etc).

- **A sétima arte** - O cinema: “O cinema falado impediu o cinema mudo de completar sua trajetória. Quando a sétima arte começava a produzir os seus clássicos — ou seja, a aproveitar toda a sua experiência como expressão — surgiu o talkie, e foi preciso recomeçar tudo” (Mário da Silva Brito, Diário Intemporal, p. 111).

Japiassú e Marcondes (2001:18) em seu dicionário básico de filosofia apontam palavras do filósofo Hegel que define a arte como “o meio entre a insuficiente existência objetiva e a representação puramente interior: ela nos fornece os objetos mesmos, mas tirados do interior... limita nosso interesse à abstrata aparência que se apresenta a um olhar puramente contemplativo”, para o filósofo a arte é algo abstrato, ou melhor, uma criação que surge no subjetivo humano e projeta-se no “objetivo” (perceptível aos sentidos, manipulável ou manufaturável).

Os mesmos afirmam que “a arte é atividade cultural que, tanto no domínio religioso quanto no profano, produz coisas reconhecidas como belas por um grupo ou por uma sociedade. A arte recorre sempre a uma técnica. Seu fim é o de elaborar uma certa estruturação do mundo, mas criando o belo”.

## 2.1 – DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO E A PRESENÇA DO MOVIMENTO ARTÍSTICO

Na disciplina de Diagnóstico Psicopedagógico obtive rica experiência não só com a avaliação dos problemas decorrentes das dificuldades de aprendizagem da paciente, como também do movimento artístico vinculado às técnicas de diagnóstico incluindo as técnicas de desenho de Walter Trinka somados às teorias de Jorge Visca, Sara Pain, Alícia Fernández e outros; descreverei abaixo seqüencialmente os momentos que envolveram os profissionais da escola, a paciente e seus familiares. A menina será denominada Tata por razões éticas, seu nome verdadeiro não será mencionado, bem como os nomes da sua mãe, pai, padrasto e irmã.

O trabalho de diagnóstico psicopedagógico de Tata iniciou-se no mês de novembro de 2006, num espaço concedido pela diretoria da escola. As sessões ocorreram três vezes por semana no horário pós-término das aulas com o tempo aproximado de 50 minutos por sessão.

No mês de agosto desse ano, a professora Anete da disciplina de “Diagnóstico psicopedagógico” propôs para nós, alunos de psicopedagogia “turma A”, o trabalho de diagnóstico a ser efetuado junto a uma escola pública ou privada.

Conversei com a diretora de uma das escolas públicas de um bairro da Zona Leste solicitando um caso de dificuldade de aprendizagem para iniciar o diagnóstico, seu nome é Vivi. Prontamente ela se dispôs e disse-me que havia muitos casos na escola, no entanto, os horários propostos para contato com os pais dos alunos não se “encaixavam” e, por conseguinte, não pude atender à escola da diretora Vivi.

Passaram-se algumas semanas, eu estava muito ansioso, afinal, onde atuar? Dirigi-me a outra escola do estado, também na Zona Leste, próxima a escola anterior (da diretora Vivi) e procurei o vice-diretor Anderson, substituto da diretora Suzete em horário matutino e vespertino, o qual direcionou-me o caso de uma aluna adolescente que apresentava dificuldade de aprendizagem na disciplina de física. Fui informado que a aluna à ser apresentada para diagnóstico psicopedagógico estava com comportamento emocional descontrolado em sala de aula, às vezes alegre, meiga e amiga e repentinamente agressiva e em prantos, interessei-me pelo seu caso, seu nome é Tata; após conversarmos sobre o assunto e do meu interesse pelo caso, o vice-diretor prontamente dispôs uma das salas da escola para atender o caso da menina.

As etapas foram as seguintes: Entrevista de Queixa-Livre com a escola, Entrevista de Queixa-Livre com a mãe e padrasto de Tata, Primeira Hora-de-Jogo, Segunda Hora-de-Jogo, Jogo do Rabisco, Desenho do Par-Educativo, Desenho da Família, Provas Operatórias, Aritmética, Família Cinética, Entrevista da Reconstrução da História-Vital e as Conclusões, porém, não transcreverei o diagnóstico em sua completude, somente focarei os momentos pertinentes ao tema desse capítulo.

## **2.2 – CASO TATA: ENTREVISTA DE QUEIXA LIVRE COM A ESCOLA**

Apresentei-me às professoras responsáveis pelas disciplinas de física e química, matérias que Tata estava com deficiência. Segundo a professora de física, Tata tem dificuldade na aprendizagem e na absorção da disciplina não conseguindo acompanhar a professora nem os colegas de sala no raciocínio proposto através dos exercícios; a professora de química fez o mesmo comentário, acrescentando que a menina era uma boa aluna, porém ocorreu acentuada queda nas notas do terceiro bimestre; em outras disciplinas está indo bem, mas matemática, química e física, não está atingindo os objetivos propostos pelos professores.

Observada em sala de aula, Tata permanece constantemente em contato com as amigas, demonstrando estar alegre, mas re-interadas vezes, em poucos minutos, ela se transforma, começa a chorar e irrita-se gratuitamente com os amigos da sala, ficando nervosa quando erra o exercício da matéria.

### **Considerações**

Neste momento reporte-me às palavras da psicóloga uruguaia e terapeuta de aprendizagem Beatriz Rama Montaldo citado no livro “Os idiomas do aprendente” de Alicia Fernández (2001:36) “Pensar e atender a Diversidade e a Diferença como critérios de Promoção de Saúde em Instituições Educativas é um desafio”.

Ela cita também as palavras de Winnicott (2000) “... devemos pensar em criar as condições para que ‘esse ambiente facilitador’ transforme-se em gerador de potência para a saúde”.

### 2.3 - ENTREVISTA DE QUEIXA-LIVRE COM A MÃE E PADRASTO DE TATA

A entrevista de queixa-livre com a mãe e o padrasto de Tata ocorreu no mesmo dia da entrevista com a escola.

Apresentei-me aos pais de forma discreta e tranqüila, esclarecendo o motivo do nosso encontro e a forma de trabalho do diagnóstico a ser efetuado com Tata definindo o local e horário.

A entrevista de queixa livre foi muito calma, o padrasto de Tata, o sr Hélio, uma pessoa quieta, observadora, falava muito pouco, sendo o primeiro a falar antes da mãe, percebi que (por questão de honra), ela permitiu ele comentar um pouco sobre a menina.

De forma sossegada, palavras breves e objetivas, bem assentado à cadeira, com as costas juntas ao encosto e as pernas cruzadas (a direita repousando sobre a esquerda), demonstrando despreocupação e tranqüilidade, o senhor Hélio (nome fictício por questão ética), disse-me que Tata é muito obediente, educada e o respeita muito, ele procura sempre cercá-la com carinho, passeando com ela e a mãe, dando objetos de seu interesse (inclusive computador) e sempre falando com brandura no que tange ao seu relacionamento diário.

O senhor Hélio morava na cidade interiorana de Santa Fé do Sul (SP), tem três filhos do casamento anterior, inclusive um dos filhos (casado) mora em São Paulo e gosta muito de Tata, constantemente eles passeiam e almoçam em sua casa, finalizou dizendo que tanto Tata como a sua irmã Tati, concordaram com o casamento dele com sua mãe, sempre o respeitando.

A senhora Nalva tomou a palavra após o resumido diálogo do senhor Hélio; pude percebê-la ansiosa, sentada em posição de “ataque verbal”, de desabafo, com as costas um pouco longe do encosto, braços dispostos sobre as pernas, desejando descrever todos os detalhes possíveis de sua filha para mim.

Ela iniciou dizendo que Tata, quando a percebe tratando o padrasto rispidamente intervém energicamente impedindo-a de maltratá-lo, acrescenta que a menina tem dupla personalidade, alguns momentos ela está muito alegre, de repente, em questão de poucos minutos, ela fica triste e fechada.

Disse-me também que Tata tem 15 anos, é a segunda filha do seu primeiro casamento, ela tem outra filha com 19 anos (mais velha que Tata) que quando soube que o pai tinha outra mulher ficou revoltada e rebelde; em seu namoro, teve relação sexual com o namorado, algo que a mãe fazia questão de preservar (por princípios morais e religiosos); saindo de casa e unindo-se ao rapaz, estão morando junto atualmente em uma cidade do interior, enquanto Tata mora com a mãe e o padrasto.

A sra Nalva tem 42 anos de idade, não trabalha, somente em casa (dona-de-casa), seu companheiro tem 66 anos e é aposentado.

Quando o seu ex-marido liga da cidade do interior, onde mora com a outra mulher, para falar com Tata, a menina chora muito junto ao telefone e seu pai, também chorando, diz ter saudade dela, esta cena é constante.

A senhora Nalva, em tom nervoso, justifica que ele (o pai) chora no telefone até obter a responsabilidade de pagar a pensão da menina “- A advogada já está empenhando-se neste caso!”; e acrescenta: “- Quando tiver de pagar, certamente ele nem ligará para ela; quatro anos separados, nunca deu nada!”, desabafa.

Quanto à escola, disse que Tata não estava animada, gosta dos professores, só não gosta da professora de geografia e física elas são muito brava, não consegue aprender a matéria de física, justificando que a professora não explica a matéria, pois o professor da outra escola (no interior), passava de carteira em carteira, explicando para cada aluno.

Na casa moram a mãe, o padrasto, Tata e o filho de vinte e dois anos (do primeiro casamento de Hélio), cujo rapaz e Tata não se conversam, justificam que ele é muito calado, quieto, “pouco envolvido com a ‘nova’ família”. Diz ainda que a filha só precisa adaptar-se com as professoras e a escola.

No fim da entrevista, percebi o casal muito aliviado, tranqüilo e a senhora Nalva, emocionada, disse que ama muito a Tata e sua outra filha, Tati; em sua expressão, percebi a dor do rompimento de seu primeiro casamento, a perda do marido, que culminou com o sofrimento das filhas.

Despedi-me, confirmando o dia e horário em que Tata estaria diagnosticando comigo.

### **Considerações**

Certamente a abordagem a ser aplicada no caso de Tata será interacionista, aplicando as teorias de Jorge Visca, Sara Pain, Alicia Fernández e outros. Percebi a necessidade de integrar o que é pertinente ao sujeito (Tata), à família, à escola e, de forma mais ampla, à realidade social.

## 2.4 – PRIMEIRA HORA-DE-JOGO

Após o término da última aula, percebi Tata dirigindo-se calmamente à sala da sessão, embora um pouco ansioso, pude controlar-me falando tranquilamente com ela.

Preparei a mesa, retirando da caixa lúdica os jogos e materiais de pintura, a serem utilizados, coloquei-os sobre a mesa.

Expliquei o motivo da sessão a Tata e deixei-a bem à vontade, dei a consigna dizendo-lhe: - Gostaria que você me mostrasse com esse material alguma coisa que você aprendeu a fazer.

De forma tranqüila e muita rápida, ela optou em fazer o Jogo da Memória, não olhou, mexeu, observou outros jogos que ali estavam, e disse “ – Eu gosto de jogar esse...”; ao pegar o jogo, abriu-o rapidamente, organizou todas as figuras de forma aleatória, lado a lado, formando com todas um grande quadrado sobre a mesa, após identificava-as e jogava com pares semelhantes sobre o centro da mesa com um olhar avaliativo e profundamente observador nos personagens das figuras, com raciocínio rápido e prático e agilidade nas mãos, montou todo o jogo em três minutos.

Reiniciou colocando as figuras novamente sobre a mesa, separando-as lentamente com atenção, repetindo o mesmo processo, porém com figuras duplas, formando novamente um retângulo vertical com os quadrinhos, olhou para o lado em direção às janelas, através da qual entrava vento e balançava as cortinas, fazendo um leve barulho, organizou os quadrinhos, montando um sobre o outro, como que já estivesse cansada de jogar, revelando um certo enfado colocou-os dentro da caixa de origem, de forma rápida e cuidadosa fechou a caixa e a colocou de lado, revelando uma boa organização.

Pegou a latinha de varetas e cautelosamente retirou o adesivo que as prendia (esqueci-me de fazê-lo), segurando as varas, soltou-as sobre a mesa e suavemente foi tirando uma a uma, sem mover outras, organizou na mão esquerda as capturadas e com a mão direita pinçava as outras; eu observava no decorrer dos jogos a sua postura corporal: tronco não encostado na cadeira, mão esquerda baixa, olhos totalmente fixos nas varetas, semblante triste e abatido, de repente, rapidamente guardou os palitos, demonstrando mais uma vez insatisfação e inquietação.

Abriu rapidamente a pequena caixa de massinhas para modelar, seu olhar transmite tristeza por perda de algo, lembro-me que ao iniciar a sessão, Tata desabafou contando-me as dificuldades que sofreu com seu ex-namorado dizendo-me: “ – Ainda bem que não estou mais com ele, é um irresponsável!”, avalio esse apego, possivelmente pela ausência e partida do pai na família de Tata, que logo após esse fato, teve um relacionamento de aproximadamente quatro meses com um jovem de nome Luiz Henrique, apegando-se de tal forma que não consegue livrar-se.

Tata pegou o bastão de massinha de cor branca, começou a modelar a imagem de um corpo humano, atenta e com o olhar fixo, compenetrado no personagem modelado, ela transferia, com todas as forças do seu corpo que centralizavam em seus dedos o poder de criação da futura “pessoa” representada em forma de massinha.

Agora, recostada na cadeira, suavemente passava tranqüilidade e prazer no que fazia; tirou outro pedacinho de massa branca e encheu o corpo do boneco, detalhando a forma com as unhas e ponta dos dedos, mais um pedacinho, agora o pescoço (muito observadora) – pernas juntas, com as panturrilhas embaixo da cadeira, revelando agilidade e destreza, ouvi-se um suspiro tranqüilo.

Iniciando pelo pé, completou o boneco terminando na cabeça; pegou a massinha vermelha e modelou uma roupa sobre o boneco (uma pequena saia), ao fazer esta pequena peça de vestuário, ela colocou abaixo do limite da mesa, fora da minha visão, atrás da mesa, após, pegou pedacinhos branco e continuou modelando, ainda atrás da mesa (longe da minha visão), percebi que inconscientemente sua preocupação era fazê-lo nas mãos, livremente, sem necessidade de pô-lo à mesa.

Tirou a cabeça do boneco acidentalmente, depois colocou novamente, após, com massinha verde fez uma blusa com detalhes bem definidos, mantendo a cabeça curvada continuamente, pegou a massinha amarela e colocou o boneco sobre a mesa e fez um cabelo para ele, aos poucos as características da imagem modelada se definiam.

Tata não olha para mim, sente-se tão à vontade com as massinhas e o seu personagem. De repente cai um pedacinho no chão, rapidamente ela abaixa e pega, com muita minúcia, Tata prepara o boneco, puxa um pedacinho de massa marrom e modela tranqüilamente entre os dedos, puxa a caixa suavemente e mais um pedacinho de massa marrom, formando uma pequena bolsa, que colocará na (agora definida) boneca que ela formou.

Então, sem fazer-lhe pergunta, ela disse: “- Queria ser assim, magrinha, bonitinha com cabelos compridos! Adoro bolsa grande é bonita! Cintura fina, bem acentuada, cabelo loiro ou preto...”.

Perguntei-lhe: - Você gostaria de ser como a boneca?

Ela respondeu-me que gostaria de ser igual e acrescentou:

“- Eu gosto muito daquele grupo musical “Black eyed peas” e as “Pussycats dolls bottons”, aquelas moças são magras, altas, bonitas... eu tinha os cabelos grandes (compridos), cortei mas quis deixar crescer de novo...”

Depois, perguntei-lhe: - Qual jogo você mais gosta?

“- Gosto das varetinhas, mas gosto de todos: gosto das massinhas, de mexer biskuí; em 2004, na 7ª série eu fazia biskuí, lá no interior em Santa Fé do Sul, aí eu ficava calminha, ficava calma, mas me dava um ódio quando não dava certo”.

“- Também gosto de pintura, gosto de pintar guardanapo, fazer ponto cruz, vagonith (?)... Tenho vontade de pintar um quadro com o meu rosto ou ter a foto do meu rosto enorme, acho bonito rosto no quadro, não gosto do meu nariz, o corpo é feio, mas o rosto é lindo”. – concluiu.

Deixei-a bem à vontade novamente, então, Tata abriu o estojo de pincel hidrocor, pegou o pincel preto para delinear a figura que formou (mostrando preocupação com a boneca modelada que ela fez); guardou as massas na caixinha rapidamente e, com cuidado, fechou-a e a guardou no cantinho da mesa à sua esquerda, revelando organização; pegou uma folha de sulfite e dobrou-a ao meio, desenhou uma moldura com pincel hidrocor preto e com pincel vermelho escreveu o seu nome completo no centro da moldura, depois sombreou com pincel de cor alaranjado, tornou a sombrear com pincel amarelo, observei que ela fazia o sombreamento com ar de desabafo, como se estivesse esvaziando algo dentro dela.

Após, abriu a folha em forma de cartão emoldurado, e, com lápis grafite, começou a escrever algo, observei-a, olhando o seu rosto: ar sério, semblante fechado, tronco superior (busto) deslocado do encosto da cadeira, debruçada sobre a mesa, braço esquerdo repousando sobre a mesa e braço direito empenhado em transcrever algo que não percebo ainda; pegou a borracha e corrigiu rapidamente o erro, e, sem demora, denotando não querer perder nem um pouco do raciocínio, retorna ávida à mensagem do cartão, percebo que as duas partes são totalmente tomadas pelas letras, e, profundamente envolvida, Tata escreve, escreve, escreve...erra, corrige rapidamente, pára e pensa como quem tem muito para escrever, dá-se a impressão que não há fim, pelo ao menos enquanto a folha durar, continua a escrever no verso, subscreve e assina colocando uma data, depois justifica:

“- Escrevi uma música que gosto muito: ‘Teatro dos vampiros’ do Legião Urbana (cantou uma parte da música para que eu identificasse), gosto muito, falaria para os meus amigos (o trecho cantado)”.

Tata está mais tranqüila e diz que quer esquecer o namorado dizendo:

“- Ele dizia para mim que queria casar, ter filhos (desabafa), que eu era a mulher da vida dele, que queria ter uma penca de filhos, não gostava dele, fiquei apaixonada, ele quis terminar porque mentia, ele abraçava e chorava (pela vinda dela à São Paulo)”.

Depois acrescentou que em agosto de 2006, a mãe ligou para o interior dizendo para Tata vir a São Paulo morar com ela, decidida ela veio, porém, antes de partir, seu namorado (L.H.) marcou um encontro com ela, combinou conversarem pessoalmente antes de sua partida, ao encontrá-la, percebendo que ela viria embora, ele a abraçou e chorou, acompanhou-a até a rodoviária e ligou em seu celular a madrugada inteira durante sua viagem até chegar em São Paulo.

Disse que seu padrasto a recebeu na rodoviária e pela primeira vez ela fez uma viagem de ônibus sozinha para uma cidade longínqua, primeira vez que andou de metrô, primeira vez que conheceu tudo e conversou com a mãe direito sobre sua vinda a São Paulo; foi à Hiroshima (escola estadual próxima a que ela estuda), como não conseguiu vaga, chegou até o Octacílio (escola atual), sentiu medo da escola e achou o povo “estranho”.

Percebi em sua expressão o “medo” do novo, testificando o desejo de escolher jogos que já conhecia, totalmente acomodatório.

### **Considerações**

Percebo Tata muito confusa com os sentimentos próprio da sua fase de adolescência, reporto essa observação às palavras do psicanalista Erick Erikson quando ressalta que “...o adolescente precisa de segurança frente a todas as transformações (físicas e psicológicas) do período. Essa segurança ele encontra na forma de sua identidade que foi construída por seu ego em todos os estágios anteriores”.

Existe também um forte impacto sofrido pela perda do pai (sua partida do lar), perda do namorado (separação), perda dos amigos (pela distância) da sua cidade natal, rompimentos esses causados por fatores familiares, Alicia Fernández (2001:142) faz referência às palavras de Mannoni (1993) “Falar do que nos mortificou permite um apaziguamento. Há situações extremas – de deportação – nas quais, trinta anos depois, as vítimas, contudo, não conseguem falar do que lhes passou em sua infância. Aquilo do qual não podem falar constitui uma ferida que se transmite de geração em geração, ferida da memória cujo efeito é subtrair do sujeito uma certa alegria de viver...”.

## 2.5 – SEGUNDA HORA-DE-JOGO

Próxima sessão, Tata está mais alegre, descontraída e animada, observei seu rosto levantado, denotando novas expectativas; trouxe-me bolo de chocolate feito por ela (muito gostoso por sinal), no momento em que comíamos o bolo, perguntei-lhe:

- Você gosta de cozinhar? “- Sim!” Respondeu-me e acrescentou: “- Gosto muito de cozinha, de inventar comida, de fazer!”.

Perguntei-lhe: -Você gosta de pratos doces ou salgados? “- Os dois, gosto dos dois!”.

Perguntei-lhe: - Você gosta de comer? “– Muito! Olha que é ansiedade! Às vezes assistindo televisão, penso no que comer e vou a cozinha preparar alguma coisa!”.

Novamente deixei sobre a mesa os materiais.

Dei a consigna, Tata preferiu folha de sulfite e giz de cera e iniciou a pintura com a cor rosa, depois laranja, cinza, verde claro, verde escuro, azul claro, azul escuro e finalizou com marrom; fez uma seqüência de cores em forma vertical, após, cobriu totalmente as cores com lápis de cor preta em forma transversal, cobrindo uniformemente as cores pintadas depois escreveu seu nome completo no meio das cores sobre a cor preta e com grafite cercou completamente a borda do desenho com o seu primeiro nome “Tata” até circundá-lo por completo fechando o desenho.

### Considerações

Percebo, através do desenho que sua personalidade alegre e solta está totalmente coberta por um manto de tristeza pelas perdas que ocorreram ao longo de sua vida, o seu nome transcrito sobre o desenho, está totalmente desaparecido entre os riscos escuros, significando que sua personalidade está confusa, isso explica as crises de choro que ocorre com Tata de forma inesperada, quando a mesma está alegre, o primeiro nome cercado o desenho representa o desejo de superação dos problemas que a cercam. Tata disse-me que a cor preta é sua cor preferida.

## 2.6 – JOGO DO RABISCO

Logo após a segunda hora do jogo, iniciei o Jogo do rabisco, Tata, animada e disposta aguarda o início da sessão.

Dei a consigna dizendo: - Farei o rabisco e você irá completá-lo desenhando o que você quiser.

Fiz o primeiro rabisco que foi um pequeno “C” que ela desenhou com a mão direita sem tirar o lápis da folha, partindo do centro e estendendo à esquerda da folha em forma de labirinto.

Ao terminar perguntei-lhe qual o nome que ela daria ao desenho; disse-me que seria “Labirinto” – porque se sente presa num labirinto.

Dei a consigna para o segundo rabisco dizendo: Agora você fará um rabisco e eu completarei com o desenho que eu quiser.

Tata fez o segundo rabisco, ela desenhou uma grande estrela no meio da folha, eu fiz os meus rabiscos após ela, várias sinuosidades em forma de serpentina e lhe devolvi a folha, ela a completou com bolinhas e estrelas menores do que a primeira estrela desenhada, perguntei novamente qual o nome que ela daria ao desenho, disse-me que seria: “Estrelas e fitas” e completou que desenha sempre estrelas com o lápis.

Dei a consigna para o terceiro rabisco dizendo: Farei outro rabisco e você irá completá-lo desenhando o que você quiser.

No terceiro rabisco desenhei um espiral, do lado esquerdo do rabisco ela desenhou três pessoas com altura em ordem decrescente da esquerda para a direita e colocou os nomes abaixo de cada figura que representavam, conforme a ordem: seu cunhado, sua irmã e sua sobrinha, perguntei-lhe qual o nome que ela daria e disse-me: “Família distante” (tanto sua irmã como seu pai estão desvinculados da família).

Dei a consigna para o quarto rabisco dizendo: Agora você fará outro rabisco e eu completarei com o desenho que eu quiser.

No quarto rabisco Tata desenhou vários círculos fechando um globo terrestre e impedindo o acesso até ele e quatro linhas retas partindo desses círculos cada uma delas apontando para três pessoas: 1 – Seu cunhado, sua irmã e sua sobrinha em Três Fronteiras - SP; 2 – Seu pai em Mato Grosso; 3 – Sua mãe e ela em São Paulo (não desenhou o seu padrasto); 4 – Um hospital em São Paulo com sua mãe e seu pai adentrando e justificou-me dizendo que sua mãe cuida do seu padrasto que está doente e certamente cuidará do seu pai e o encaminhará ao hospital (conforme desenho) ainda que não volte ao lar, pois atualmente ele encontra-se doente e a “amante” “só quer o dinheiro dele”.

Acrescentei um pequeno espiral em seu círculo com uma flor e folhas, que subjetivamente foi excluída do seu desenho com o título de “O mundo dá voltas”.

Dei a consigna para o quinto rabisco dizendo: Farei outro rabisco e você irá completá-lo desenhando o que você quiser.

No quinto rabisco desenhei uma longa sinuosidade em sentido horizontal, Tata continuou com outra acima da que desenhei formando perfeitamente a mesma sinuosidade acrescentando sinalização como uma estrada de mão dupla no canto esquerdo da folha na parte superior ela desenhou um veículo (carro), à frente do carro, um prédio com portas e janelas escrito “empresa”, logo depois três espaços separados por linhas onde escreveu: “shopping”, “lazer” e “praia”, à direita da folha desenhou uma faculdade, no rodapé da folha um restaurante com o nome dela e de sua irmã e no rodapé do lado esquerdo um prédio de apartamentos; para este desenho ela deu o título de “Meu sonho” e disse-me: “- Tenho sonhos, eu e minha irmã sonhamos em ter um restaurante com o nosso nome e quero conquistar meus ideais”.

Dei a consigna para o sexto rabisco dizendo: Novamente você fará outro rabisco e eu completarei com o desenho que eu quiser.

No sexto rabisco que Tata fez, ela desenhou um longo retângulo com duas formas de estrada nas extremidades, também com mão dupla, este desenho feito por ela está totalmente direcionado ao lado esquerdo da folha e avança até o centro da mesma, à direita ela desenhou um sol em pleno brilho, acrescentei rabisco com flores ao redor do seu desenho, perguntei-lhe qual seria o título, ela respondeu-me: “- Luz no fim do túnel!”, acrescentou: “- Nem tudo é flor sempre encontramos espinhos!”. Para ela em um túnel curto pode-se correr risco.

Finalizei e dispensei-a, ela foi-se tranqüila pensando os fatos que tem ocorrido em sua vida.

### **Considerações**

Em seus desenhos Tata revela o desejo subjetivo de sair do “labirinto” emocional e psicológico que se encontra e seguir em direção aos seus ideais e, sobretudo, a busca de uma personalidade equilibrada. O que está mais latente é a unificação da família que foi fragmentada; acrescento as palavras de Alicia Fernández (2001:142) “Quando dizemos que o problema de aprendizagem pode apresentar-se como sintoma’, estamos utilizando o termo no sentido psicanalítico. O sintoma simultaneamente mostra e esconde. O sintoma é produzido para escapar da angústia, mas como a angústia não foi elaborada nem simbolizada, não pode ser evitada por completo; então, a conformação do sintoma refere-se a ela”.

## 2.7 – DESENHO DO PAR-EDUCATIVO

Neste terceiro dia da sessão, Tata chegou triste, quieta e pensativa. Ao entrar na sala, logo ao sentar-se, desabafa, dizendo que o ex-namorado havia ligado na noite anterior, aproximadamente às 20:14h e pela manhã às 06:30h, dizendo que a amava, num desagravo disse: “- Eu não quero, não agüento mais, pedi a Deus que tire ele da minha vida, do meu coração, não sou brinquedo, ele mente para mim, ele vai para balada, deve trair-me...”.

Sobre a mesa estavam folhas de sulfite, lápis de cor, apontador, lápis grafite e borracha; após ouvi-la tranqüilamente dei-lhe a consigna dizendo: Quero que você faça um desenho de uma pessoa aprendendo e outra ensinando.

Iniciou o desenho com a mão esquerda repousando sobre a mesa e a direita segurando firmemente o lápis grafite, suas costas longe do encosto da cadeira e cabeça totalmente inclinada, observei que ela estava totalmente mergulhada no desenho, desligando-se das preocupações e desenvolvendo a situação solicitada por mim.

Utilizou o lado esquerdo da folha somente para os personagens, errou a linha e rapidamente pegou a borracha para apagar, percebi que Tata sente-se muito à vontade ao desenhar.

Em seu desenho ela fez um quadro negro contendo exercícios de matemática (equações e raízes) e escreveu abaixo “professora ensinando” no outro quadro negro também continham exercícios de matemática e escreveu abaixo “aluna fazendo o que aprendeu”.

Ao terminar, disse-lhe: - Conte-me uma história sobre esse desenho.

Inspirando-se em sua própria pessoa disse-me:

“- Não sou boa em matemática!”. E narrou-me sua própria história de aprendizagem apresentada no desenho:

“- Pedi ajuda para a professora, ela ensinou-me e depois fui para o quadro negro para fazer os exercícios, fiz a multiplicação, mas não fiz a raiz quadrada, não sabia!”.

“- A professora explicou, mas eu não entendi!”.

Então, disse-lhe: - Dê um nome aos personagens.

Respondeu-me que a aluna era ela, seu nome Tata e a professora Simone, da cidade onde morava. E disse-me:

“- Era a professora da cidade que eu morava, lá no interior, era muito legal, conversava comigo e ia de carteira em carteira explicando a lição”.

## Inquérito

- 1. Quem está ensinando?** “- Profª Simone!” – Lembrou-se da professora de matemática do interior.
- 2. Quem está aprendendo?** “- Tata!” – a menina (ela).
- 3. O que está sendo ensinado?** “- Contas, contas difíceis! Matemática!”. Acrescentou: “- Divisão e multiplicação eu gosto e faço, equação e raiz quadrada é difícil, não consigo entender”.
- 4. Qual o nome de quem está aprendendo?** “– Tata!”.
- 5. Você conhece alguém com este nome?** “– Conheço!”.
- 5.1 Quem?** “- A menina de uma creche do interior, uma outra também, são chatas e terríveis, só outra que está em Americana (SP), essa é legal”.
- 6. Qual a idade dos personagens?** “- A professora tem 32 anos e a Tata 15!”.
- 7. Onde elas estão?** “- Na sala de aula da escola José Joaquim Santos, no interior, em Três Fronteiras (SP)”.
- 8. Quando acontece essa situação?** “- Este ano, no interior – 1º semestre de 2006”.
- 9. Ela vai aprender?** “- Se a professora explicar ela vai; se explicar na carteira aí sim, se falar comigo, perguntando o problema”.
- 10. O que elas estão pensando?** “- A Tata precisa aprender, terminar burra, não! - A professora não está preocupada, está pensando: ‘vou ver no que dá!’ - Se ela ver interesse ela liga, se não, deixa pra lá!”.
- 11. O que estão sentindo?** “- A Tata um pouco de vontade, quer ir atrás! - A professora sente vontade de ensinar”.
- 12. O que estavam fazendo antes?** “- A professora estava passando conteúdo na lousa! - A menina copiando”.
- 13. O que vão fazer depois?** “- A professora vai passar lição pra menina tentar resolver em casa para treinar; a menina vai copiar e fazer em casa; trocar número ou sinal, não vai estar certo”.

#### 14. Conte-me uma história engraçada de aprendizagem.

“- Não tem! Que eu lembre, não tem! Sempre que explicam tem que ter o máximo de silêncio; a minha professora de matemática da 8ª série era brava, era muito séria, separava cada aluno para o seu lugar, tinha mapa de sala e contava os vistos caderno por caderno; era rígida, rigorosa, aquela lá é doida! Chamava Leila Mara, ela explicava e eu entendia”.

“- Tinha o Valdir, que dava aula à tarde e era meio bobo; ‘zuavam’ com ele, a turma toda. Era rígido, mas explicava e eu entendia”.

“- Havia dois professores que eram casados um com o outro, a Simone, professora de matemática; ela dava crédito (emprestava ponto, ou seja, dava ponto a mais e o aluno deveria empenhar-se no próximo bimestre para ‘pagar’), mas não dá mancada com ela não, ela ajudava. Casada com o professor Giovani”.

Enquanto Tata narrava a história, pintava o desenho do par-educativo, incrementando com lápis preto e verde, estava sombreando com o preto deixando o desenho bem destacado, e continuou dizendo: “- Nunca tive nota vermelha, aqui (onde estávamos, escola atual) ficaram todas vermelhas”.

Perguntei-lhe: - Porque as notas ficaram vermelhas?

Ansiosa e decepcionada, abriu sua pasta para pegar o boletim onde estavam as notas para mostrar-me, inquieta e revoltada mostrando-me disse: “- Física nota baixa, artes bom, geografia bom, matemática bom!”.

Peguei o boletim e olhei, ela continuou: “- Tenho medo de levar ‘bomba’ este ano, a professora de geografia não vai com a minha cara, só por Deus! É uma..., não gosto dela!”, desabafou.

Deixei Tata à vontade, somente ouvi as suas queixas sobre sua situação nas disciplinas e o desejo de superar o conflito com os professores; continuou: “- Fui atrás dela, perguntei para ela se podia fazer um trabalho!”.

Observei-a segurando a régua, pensava alguns momentos com ar de indignação, olhando para o alto e movendo a régua; deixou a régua sobre a mesa e batia com os dedos levemente sobre a mesma, totalmente inquieta, pegou novamente a régua e disse:

“- Desisto, se ‘repetir’ de ano!”.

Perguntei-lhe o que significava o “desistir”, e ela respondeu:

“- Aí seria o fim! - Eu me esforço, respeito os funcionários, faço as tarefas, as lições; copio rapidinho e entrego!”.

Pegando novamente a folha de desenho do par-educativo, destacou as bordas dos quadros-negros com o lápis preto, entendi então que subjetivamente o conhecimento para ela está totalmente obscurecido, encoberto e inacessível, continuou: “- A aula de química na sexta-feira! Quase não tem aula!”.

Após ouvi-la, dei outra consigna a ela, dizendo-lhe:

### **15. Conte-me sua história triste de aprendizagem.**

Tata riu-se e disse: “- Triste? Morri de vergonha!”.

Contou-me que uma semana em sala de aula com a professora de matemática Leila Mara, pegou as folhas para “cola” e colou na carteira; começou a copiar a prova e ao mesmo tempo olhar na carteira (colando). De repente a professora pegou a prova, Tata negou que estava colando, então a professora comparou o número 3 da cola com o número 3 da prova identificando a grafia de Tata; ela ficou tão envergonhada que não sabia onde enfiar a cara e a professora dizia: “- Olha aqui este três! É igualzinho o seu Tata, não é? não é?”.

Com essa ilustração terminamos a sessão do par-educativo.

## 2.8 – DESENHO DA FAMÍLIA

Os desenhos da família foram realizados por Tata com muita disposição, disse-me que gosta de desenhar. Deixei sobre a mesa papel sulfite, lápis de cor, lápis grafite misturado ao lápis de cor, apontador, borracha e régua.

Neste dia da sessão, como em outros, deixei-a livre para falar dos problemas emocionais, ela chegou com o semblante triste, chorando, porém, disposta a participar.

Dei-lhe a consigna dizendo-lhe: - Faça um desenho de uma família.

Sem hesitar, pegou primeiro o lápis grafite e, encostada na cadeira, com o braço direito desenhando e o esquerdo repousando tranquilamente sobre a mesa iniciou o desenho com grande empenho, apressadamente pegou duas vezes a borracha para corrigir o pequeno erro ocorrido, e concentrada, continuou.

Ao finalizar, dei-lhe outra consigna dizendo: - Conte-me uma história sobre esse desenho.

Disse-me: “- A menina chama Vânia e o menino Kiko, o nome dele é Francisco, mas só o chamam de Kiko. Passaram por muita coisa na vida; faz seis anos que a Vânia engravidou da menina Rúbia, que nasceu com síndrome de down e não tinha uma das veias do coração; ficou internada no Hospital do Coração (em São Paulo) e entrou em coma; ela sofrendo, vendo o bebê passando por isso numa situação insustentável, após dois meses, veio a perdê-lo”. Continuou dizendo:

“- Foi muito difícil para superar, hoje ela não lembra tanto, mas às vezes vai ao cemitério ver a menina; a menina tinha seis anos. Ela começou a estudar, está fazendo letras, está no terceiro ano e vai se formar. Ganhei um pão de queijo dela; ela faz pão de queijo tão gostoso; ela e o marido Kiko são muito legais”.

Perguntei-lhe: - Qual o título que você daria para esse desenho? Disse-me: “- Sei lá! - Mudança de vida!”.

### Inquérito:

**1. Quem são esses personagens?** “- Um pai e uma mãe!”.

**2. Qual é o nome deles?** “- Vânia e Kiko!”.

**2.1 Você conhece alguém com esse nome?** “- Sim!”.

**2.2 Quem?** “- São amigos especiais!”.

**3. Onde ocorre essa situação?** “- Numa cidade do interior. Três Fronteiras – SP!”.

4. **Qual a idade desses personagens?** “- Não sei!”.
  5. **O que eles estão pensando?** “- Ser feliz!”.
  6. **O que eles estão sentindo?** “- Tristeza!”.
  7. **O que estavam fazendo antes?** “- Trabalhando!”.
  8. **O que eles vão fazer depois?** “- Ele, continuar trabalhando! Ela, estudar!”.
  9. **Quem é o mais: Bravo:** “- Vânia!” **Organizado:** “- Kiko!” **Desorganizado:** “-Vânia!”.
- Alegre:** “- Os dois!” **Inteligente:** “- Os dois!” **Afetivo:** “- Vânia!” **Carinhoso:** “- Vânia!”.

Ao próximo desenho, dei-lhe a consigna dizendo: - Faça um desenho de uma família qualquer.

Tata coloca o braço esquerdo próximo ao busto, o tronco desencostado na cadeira, debruçada levemente ela desenha, de repente ela pára, completa detalhes na figura desenhada, olha de forma minuciosa (dá a entender que é para ver se faltou algo), observa por mais tempo e depois entrega.

Disse-lhe: - Conte-me uma história sobre esse desenho!

“- O Sérgio (irmão por parte do padrasto), a Nega, cunhada e a dona Miriam, mãe da Nega, receberam-me muito bem aqui em São Paulo; ligam-me e conversam muito comigo, eles tem muito carinho e afeto por mim e também muita compreensão. O Sérgio é especial, muito cativante, a dona Miriam queria que eu fosse morar com ela”.

Perguntei-lhe: - Qual o título que você daria para esse desenho? “- Harmonia!”.

### **Inquérito**

1. **Quem são esses personagens?** “- Meu irmão, minha cunhada e mãe dela!”.
2. **Qual é o nome deles?** “- Sérgio, Nega e ‘dona’ Miriam!”.
- 2.2 **Você conhece alguém com esse nome?** “- Sim!”.
- 2.3 **Quem?** “São parentes!”.
3. **Onde ocorre essa situação?** “- Na casa onde moro e na casa deles!”.

**4. Qual a idade desses personagens?** “- Sérgio 42, Nega e ‘dona’ Miriam eu não sei!”.

**5. O que eles estão pensando?** “- Felicidade! Ajudar o próximo!”.

**6. O que eles estão sentindo?** “- Estão sentindo harmonia, coisa boa pelo próximo!”.

**7. O que estavam fazendo antes?** “- Os três juntos tomavam café da manhã!”.

**8. O que eles vão fazer depois?** “- O Sérgio vai mexer no DVD, a Nega vai conversar com o Sérgio e a mãe!”.

**9. Quem é o mais: Bravo:** “- Nega!” **Organizado:** “- Todos!” **Desorganizado:** “- Não tem!” **Alegre:** “- Sérgio!” **Inteligente:** “- Sérgio!” **Afetivo:** “- Todos!” **Carinhoso:** “- Os três!”.

Pedi-lhe que fizesse outro desenho, dei-lhe a consigna dizendo: Faça um desenho de uma família que você gostaria de ter.

Tata, da mesma forma anterior, repousou a mão esquerda sobre a mesa, depois a pôs sobre a cabeça e, rapidamente, desenhou uma menina e um garoto no centro da folha e entre eles vários corações no ar.

Novamente pedi-lhe que contasse uma história sobre o desenho, então, disse-me:

“- Eu e a pessoa dos meus sonhos; pessoa que me ame muito; dê-me conforto e carinho”.

Disse-lhe: - Dê um título para essa história. “- Não tem!”.

### **Inquérito**

**1. Quem são esses personagens?** “- Eu e o futuro namorado!”.

**2. Qual é o nome deles?** “- Ela chama-se Tata! Ele não tem nome!”.

**2.2 Você conhece alguém com esse nome?** “- Sim!”.

**2.3 Quem?** “- Eu!”.

**3. Onde ocorre essa situação?** “- Em um lugar bonito! Diferente, sossegado, tumultuado; onde encontrar está bom!”.

**4. Qual a idade desses personagens?** “- Tata 18, 20, 50, não sei...; ele, mesma idade, mais velho...”.

**5. O que eles estão pensando?** “- Ela em encontrar o amor verdadeiro, ele também”.

**6. O que eles estão sentindo?** “- Felicidade!”.

**7. O que estavam fazendo antes?** “- Encontraram-se de manhã e foram para o serviço e para a escola”.

**8. O que eles vão fazer depois?** “- Vão namorar, sair, dar risadas, comer alguma coisa...”.

**9. Quem é o mais: Bravo:** “- Ela!” **Organizado:** “- Ele!” **Desorganizado:** “- Ela!”

**Inteligente:** “- Os dois!”.

Acrescentou: “- Tem que ser eu!” (risos). **Alegre:** “- Os dois!”

**Afetivo:** “- Ele!” – Acrescentou: “- Tem que ser ele!” (risos).

Quando responde às perguntas “mais inteligente” e “mais afetivo”, ela sorri e permanece desenhando algo na borracha.

Após esse inquérito, dei-lhe a consigna dizendo: Desenhe a família que você gostaria de ter.

Da mesma forma que a anterior, Tata desenha com o braço esquerdo livre, tronco encostado na cadeira e com rapidez.

Depois que termina o desenho diz que está com dor de cabeça, boceja e aguarda a minha solicitação, então, disse-lhe:

- Conte-me uma história sobre esse desenho.

“- Eu (risos), ah! É... tipo: Luiz Henrique, irmã dele, sua mãe Rai. São pessoas legais, gostei de conhecer, a mãe dele foi minha professora, o pai é um amor de pessoa, a irmã mora em outra cidade, não conversava freqüentemente comigo por causa da distância. A mãe dele é uma professora excelente, o pai é muito bom o Luiz Henrique tem defeitos, mas de vez em quando é muito bom”.

### **Inquérito**

**1. Quem são esses personagens?** “- Filho, irmã, pai e mãe (Tata descreveu-me numa seqüência diferente à desenhada que era pai, mãe, irmã e irmão)”.

**2. Qual é o nome deles?** “- ‘seo’ Mauri, ‘dona’ Edna, Ana Maria e Luiz Henrique”.

**2.2 Você conhece alguém com esse nome?** “- Sim!”.

**2.3 Quem?** “- A família do Luiz Henrique!”.

**3. Onde ocorre essa situação?** “- Na casa dele na cidade do interior”.

**4. Qual a idade desses personagens?** “- Ana 20, Luiz Henrique 17, ‘dona’ Edna e ‘seo’ Mauri, não sei!”.

**5. O que eles estão pensando?** “- Luiz Henrique, só besteira, curtir a vida adoidada, ir para a ‘Lan House’...; a Ana só em estudo; namora à distância; ela fica em Maringá (PR), ele (o namorado) fica longe, aqui em São Paulo, faz dois anos. O ‘seo’ Mauri pensa no trabalho ou no centro espírita que ele participa e a ‘dona’ Edna está pensando nas aulas, no que vai preparar”.

**6. O que eles estão sentindo?** “- A Ana sente gosto de estudar na faculdade de psicologia, diferente do Luiz Henrique, ela é esforçada, ele não tem prazer em fazer essas coisas, foi adotado e parece com o pai fisicamente e psicologicamente, a Ana é legítima e não puxou a nenhum dos dois (pai e mãe)”.

Tata preocupou-se em descrever os sentimentos de Ana e Luiz Henrique, comparando-o a irmã e assemelhando-o ao pai, a mãe é praticamente descartada nessa descrição sentimental. Observo que a linguagem “... parece com o pai fisicamente e psicologicamente...” remete o seu desejo subjetivo da presença do seu pai que partiu, representado pelo ex-namorado através da figura masculina.

**7. O que estavam fazendo antes?** “- Luiz Henrique na rua, ele é ‘rueiro’; Ana na faculdade; ‘dona’ Edna e ‘seo’ Mauri estão no sítio, depois no trabalho e em casa”.

**8. O que eles vão fazer depois?** “- A Ana não sei! – ‘Dona’ Edna e ‘seo’ Mauri aos sábados saem para jantar fora ou vão às reuniões com os amigos; Luiz Henrique vai para a ‘Lan House’”.

**9. Quem é o mais: Bravo:** “- ‘Dona’ Edna!”. **Organizado:** “- ‘Dona’ Edna!”.

**Desorganizado:** “- Luiz Henrique!” **Inteligente:** “- Todos são!” **Alegre:** “-Todos!”.

Acrescentou: “- Embora eles tenham suas horas de chateação, são bem alegres!”.

**Afetivo:** “- Os três são!”. Acrescentou: “- A Ana eu não conheço!”.

Após as descrições, pedi a Tata que fizesse outro desenho, dei-lhe a consigna dizendo: Faça um desenho das suas famílias.

Debruçou sobre a mesa e colocou a mão esquerda debaixo do queixo e com a mão direita iniciou o desenho.

Dessa vez o desenho era um casal de pessoas adultas, pedi-lhe que contasse uma história sobre o desenho, disse-me:

“- Na primeira vez que fui à casa da ‘dona’ Etelevina e ‘seo’ Luiz, não sabia onde enfiar a cara. A ‘dona’ Etelevina é muito receptiva e o ‘seo’ Luiz não sabia falar o meu nome e chamava-me de Filomena. Ela disse que sou muito bonita, eles são avós do Luiz Henrique (pais do pai dele)”.

Percebi Tata muito alegre, abriu os braços, contente, ao narrar a história e continuou:

“- Quando voltávamos para casa, ele puxou o meu cabelo, depois eu contei para a avó dele e ela bateu nele (lá na chácara deles). O Luiz Henrique fala alto; tem uma família, muito legal, maravilhosa!”.

Disse-lhe: - Dê um título para essa história.

“- Felicidade! – Eles são muito felizes, muito especiais”.

### **Inquérito**

**1. Quem são esses personagens?** “- Avô e avó!”.

**2. Qual é o nome deles?** “- ‘dona’ Etelevina e ‘seo’ Luiz!”.

**2.2 Você conhece alguém com esse nome?** “- Sim!”.

**2.3 Quem?** “- São avós do Luiz Henrique!”.

**3. Onde ocorre essa situação?** “- No sítio do casal na cidade do interior”.

**4. Qual a idade desses personagens?** “- Não sei! Eles são velhinhos!”.

**5. O que eles estão pensando?** “- Sei lá! - ‘Dona’ Etelevina está pensando em ‘te’ agradecer e o ‘seo’ Luiz, não sei!”.

**6. O que eles estão sentindo?** “- Harmonia, os dois!”.

**7. O que estavam fazendo antes?** “- Ela estava ‘inventando moda’, fazendo doce e o ‘seo’ Luiz assistindo TV e cuidando da chácara”.

**8. O que eles vão fazer depois?** “- Ele vai assistir TV e ela vai lavar louça”.

**9. Quem é o mais: Bravo:** “- Nenhum!” **Organizado:** “- ‘dona’ Etelevina,

perfeccionista!” **Desorganizado:** “- São sempre organizados!”

**Inteligente:** “- Os dois!” **Alegre:** “- Os dois!” **Afetivo:** “- ‘dona’ Etelevina!”

**Carinhoso:** ”- ‘dona’ Etelevina é mais, porém, os dois são!”.

## 2.9 – CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENHO DO PAR-EDUCATIVO E O DESENHO DA FAMÍLIA

Referente ao desenho do Par-Educativo, os conflitos que ocorrem, relacionados à aprendizagem, estão centrados na impossibilidade do não aprender por estar sendo-lhe negado o conhecimento, a figura da lousa com a matéria específica de matemática (ao qual sua dificuldade está centrada nas disciplinas de exatas) e o envolver a lousa com lápis de cor preto define a sua situação em sala, os professores da escola de sua cidade natal, dirigiam-se de carteira em carteira ensinando os alunos, na escola atual, isso não ocorre.

Acrescento as palavras da psicopedagoga argentina Soledad Lugones (1999) descritas por Alicia Fernández (2001:29-30) a respeito do aluno “sujeito autor” e a capacitação do docente: “... Fazemos apontamentos em silêncio, com o olhar centrado no professor e com nosso corpo quieto, aderido à cadeira... uma só voz, um só rosto... Esta é uma cena que se repete invariavelmente em nossa história como ‘alunos’. Essa matriz encarnada em nosso corpo omite o Saber e a Potência de nosso ser aprendentes”. (...) “Hoje em dia, fala-se muito sobre a necessidade de Capacitação Docente. Todavia, muito pouco se fala e se reflete sobre como os Docentes e as Instituições se capacitam e como são seus espaços de formação...”.

Quanto ao Desenho da Família, em todos os desenhos apresentados por Tata é perceptível a ausência da sua família atual, o fato de ter se fragmentado com a separação dos pais, leva-a a permanecer na fantasia da “família ideal”, situando-se nas pessoas próximas em seu relacionamento afetivo (principalmente o gênero masculino, buscando subjetivamente a figura do pai). Pensar sobre as famílias dentro de uma estrutura de ciclo de vida esclarece as tarefas pré-dizíveis a serem realizadas num dado estágio, o uso da dimensão inter-geracional oferece um meio para descobrir os padrões familiares que indicam como as famílias costumam lidar com as transições, especialmente com as separações.

A experiência confirma o princípio de que sempre que existe um problema familiar sério neste estágio (mesmo quando não houve anteriormente nenhuma evidência de perturbação) havia, sempre, padrões disfuncionais pré-existentes no sistema familiar.

A mãe de Tata dirigiu-se à escola buscando ajuda em resolver os problemas da filha: as constantes reclamações que Tata fazia a ela sobre as dificuldades encontradas nas disciplinas, irritações e choros repentinos relacionado aos problemas em casa e na sala de aula, somado ao baixo rendimento nas matérias aplicadas e queda nas notas, agravaram sua preocupação com a filha.

Em contato com os professores e vice-diretor foi-me apresentado o caso de Tata; na entrevista de queixa livre com a sra Nalva e sr Hélio, ela revelou que parte do problema apresentado pela menina referia-se ao abandono da família pelo pai, considerado como um “super-herói” pelas duas filhas.

Porém observei que ela transparecia revolta e dor pelo abandono, esse sentimento era transmitido através da sua forma de expressar-se.

Por outro lado, Tata estava em conflito; alguns próprios da sua idade, outros mesclados ao sentimento de amor pelo pai e dor pela separação.

O sr Hélio apresentava uma postura de “preocupação” com relação aos conflitos da menina e da mãe, porém, transmitia com carinho toda a segurança que elas precisavam no momento.

O caso de Tata apresenta um quadro de hiper-acomodação, pobreza de contato com a subjetividade, super-estimulação da imitação; na primeira hora do jogo observei que buscou somente os que ela conhecia, na segunda hora do jogo seu comportamento foi o mesmo, o fato da dificuldade apresentada na disciplina de física por não ter a presença da professora em sua carteira explicando a matéria como ocorria na escola de sua cidade natal, objetiva a conclusão, conforme apontamento de Alicia Fernández (2001:84) “... sabendo que pela acomodação o sujeito transforma e coordena seus próprios esquemas para adequar-se à realidade do objeto a conhecer”. Na transição do diagnóstico apresentou também hiper-assimilação, muito criativa na expressão empregada no desenho do par-educativo, desenho da família e nas provas operatórias.

Quanto às crises emocionais de alegria e abrupta tristeza, levando-a a agressividade e às lágrimas decorre dos conflitos próprios da adolescência, conforme afirma Aberastury (1992) “Pode-se observar na adolescência a elaboração de três lutos fundamentais: a) luto pelo corpo infantil perdido, base biológica que se impõe e frente ao qual se encontra como expectador impotente do que ocorre no seu próprio organismo; b) luto pela identidade e pelo papel infantil que o obriga a uma renúncia da dependência e perda dos privilégios de criança e a um temor na aceitação de novas responsabilidades; c) luto pelos pais da infância, os quais tenta reter na sua personalidade, procurando o refúgio e a proteção, situação que se complica pela própria atitude dos pais, que também têm de aceitar o próprio envelhecimento e o fato de que seus filhos já não são crianças”.

A separação dos pais de Tata cooperou para sua desestruturação emocional, motivo específico das iras e choros repentinos. Conforme aponta Carter e McGoldrick (1995) a respeito das mudanças no ciclo de vida familiar “Esses picos de pressão emocional são encontrados em todas as famílias que se divorciam e muitos deles acontecem repetidas vezes, durante meses ou anos”. (...) “Isso requer um luto por aquilo que foi perdido e o manejo da mágoa, raiva, culpa, vergonha e perda em si mesmo, no cônjuge, nos filhos e na família ampliada”.

A superação das crises alcançada por Tata desenvolveu-se à medida que ela verbalizava seus sentimentos, suas dúvidas e seus temores na introdução das sessões e no período de desenvolvimento das consignas determinadas. A cada momento que contava seus problemas e conflitos, sentia-se aliviada.

## 2.10 - DEVOLUTIVA COM A ESCOLA

O vice-diretor Anderson que auxiliou no encaminhamento do caso de Tata, periodicamente perguntava-me como estava indo o caso, eu afirmava que estava indo bem, com uma ótima interação da aluna com o processo diagnóstico, acrescentando que após o encerramento apresentaria o relatório. No dia da devolutiva encontrei-me com ele e a professora de física, matéria que Tata estava tendo dificuldades de assimilação, além das crises emocionais em sala de aula. Expliquei a ambos que foi diagnosticado um desequilíbrio emocional por questões próprias da idade, somados a questões familiares e que ocorreram interferências no fator aprendizagem por falta de adaptação ao sistema de ensino aplicado em sala comparado à escola anterior de sua cidade natal.

A professora de física informou-me a nota final de Tata e disse-me que houve uma sensível evolução na participação e envolvimento da aluna com a matéria no fechamento do 4º bimestre; depois fui informado que houve reunião de conselho de classes e no 5º conceito, que é a média final, Tata foi aprovada com louvor, superando surpreendentemente os alunos de sua sala.

## 2.11 – DEVOLUTIVA COM TATA

No dia da sessão de devolutiva com Tata, ela apresentou-se alegre, sorridente e muito animada; conversamos a respeito da finalização da nossa sessão de diagnóstico.

Deixei o material sobre a mesa para que ela escolhesse qual seria a forma da devolutiva, se seria através de um desenho, molde com massinha, pintura com giz de cera ou outra modalidade; dei a consigna, dizendo:

**- Gostaria que você representasse através de um desenho, pintura, montagem ou como quiser, uma ilustração mostrando como você estava quando chegou no primeiro momento da nossa sessão de diagnóstico e como você está sentindo-se hoje no término do nosso encontro.**

Rapidamente Tata pegou uma folha de sulfite, um lápis grafite e descartando os lápis coloridos iniciou um desenho, estava muito à vontade. De repente riu-se dizendo estar feio, mas o seu estado interior estava maravilhoso nesse dia, corrigiu pequeno erro com a borracha e continuou a finalizá-lo, depois, escreveu algo. Ela estava mais solta, tranqüila e segura de si. Após encerrar, dei a consigna dizendo:

**- Conte-me uma história sobre esse desenho.**

Então, relatou-me dizendo que ela chegou ao primeiro encontro muito triste, ruim e agora está bem, não 100%, mas 99%. O “01%” que falta é referente a melhora nos estudos, está procurando uma escola técnica profissional que oferece ½ bolsa, deseja fazer curso, muitos cursos.

Continuou dizendo que sua mãe “pega no seu pé”, no período da tarde sente muito sono, pelo fato de levantar-se de manhã para ir à escola, desabafa que não queria depender de ninguém, sente muito sono e sente-se desrespeitada. Ela utilizou as expressões verbais da mãe para ilustrar os momentos da cobrança:

“– Você só fica assistindo TV e dormindo à tarde em vez de procurar algo para fazer; fica morrendo em pé, preguiçosa! - Desse jeito vai terminar limpando banheiro dos outros”.

Ao terminar sua narrativa, dei-lhe a consigna, dizendo: **- Dê um título para esse desenho.**

Disse-me: “– Mudanças, muitas mudanças!”.

Perguntei-lhe também sobre as crises de choro que sentia abruptamente, ela respondeu-me que não sente mais e que o apego emocional que havia com seu ex-namorado diminuiu muito, que o tirou do coração.

Ao finalizar defini para Tata que no seu diagnóstico o que mais estava acentuado era a sua estrutura emocional, orientei-a buscar um acompanhamento psicológico acompanhada com sua mãe.

Acrescentei que a função do psicólogo será para ajudá-la a superar as crises emocionais natural da sua idade e por outro lado trabalhar o rompimento emocional abrupto que ocorreu com a partida do seu pai, deixando ela e sua família.

Dispus a clínica da PUC-SP, explicando a necessidade da triagem antes do atendimento ou a indicação de outros psicólogos, segundo o interesse da sua mãe e padrasto.

Depois de conversarmos, muito alegre, Tata deu-me um beijo no rosto e agradeceu-me pelos momentos de ajuda, compartilhado com ela.

## 2.12 - DEVOLUTIVA COM A MÃE E PADRASTO DE TATA

A devolutiva com a sra Nalva e o sr Hélio foi efetuada no mesmo dia de Tata, porém em horários diferentes. Cumprimentei-os e percebi um semblante sereno e tranqüilo de ambos, separei as cadeiras para que sentassem e perguntei ao casal:

- Como foi o período em que Tata estava sendo diagnosticada, houve uma melhora ou um agravo em seu comportamento?

Então a sra Nalva iniciou dizendo que Tata desistiu do Luiz Henrique (ex-namorado), que foi muito bom esse desligamento; uma das atitudes que lhe agradou foi quando a menina atendeu ao telefone e percebendo que era o rapaz tratou-o duramente, passando-se como a própria mãe. Completou dizendo que Tata está mais madura e deixou definitivamente o ex-namorado.

Em sua descrição disse-me que certo dia a menina afirmou que iria casar-se o ano que vem, possivelmente com o rapaz em referência, então a sra Nalva interpelou a filha dizendo: “- Vai, casa! - Vida de casado não é fácil, mas, se você quer...!”. Percebeu que Tata ficou espantada com sua reação enérgica; concluiu dizendo que a menina refletiu, “caiu na real” e respondeu: “- Tô louca!”.

Neste momento os meus olhos direcionaram-se ao sr Hélio, sentado tranqüilamente, observava a companheira falando, pernas cruzadas, direita sobrepondo a esquerda, mão esquerda apoiando o rosto e mão direita sobre a mesa, representando “apenas um apoio emocional” para a sra Nalva, que comparada a ele, estava mais ansiosa e preocupada.

Então, eu a disse: - Percebo que a senhora é bem rígida com as meninas, desde a sua infância! Ela perguntou-me se havia assistido ao programa “Fantástico” da Rede Globo no domingo anterior à devolutiva, ao qual respondi que não (estava num compromisso e fiquei impossibilitado de assistir ao programa), continuou relatando sobre o bloco apresentado pela emissora em que os pais de um garoto entregaram o filho à polícia, denunciando os delitos que ele praticava, justificando que havia dito à Tata que ela faria o mesmo se a menina tivesse postura incorreta diante da sociedade e da justiça; a menina surpreendeu-se (acrescentou) diante do que havia ouvido dos lábios dela, porém afirmou que “o ser rígida” é uma forma de manter as meninas responsáveis e prudentes nas decisões da vida.

Perguntei-lhe: - Além da questão do Luiz Henrique, o que mais mudou?

Disse-me que Tata está mais tranqüila, calma e está em dúvida com relação a viagem que irá fazer para Três Fronteiras (SP) (não deseja ver o ex-namorado em hipótese nenhuma). O sr Hélio interveio, dizendo que a menina está bem sossegada, à vontade no dia-a-dia (despreocupada).

Perguntei-lhes: - E os picos de alegria e tristeza que ocorriam, como estão hoje?

A sra Nalva contou-me que alguns dias, após o início do diagnóstico, Tata disse-lhe que estava com vontade de chorar, ela respondeu à menina rispidamente:

“- Chora então!” Tata ficou tão constrangida com a sua reação que não chorou, mas comentou a atitude “seca” da mãe. A sra Nalva justificou para mim que sua reação foi para não dar estímulo à tristeza da filha.

Disse-lhe que é importante ouvi-la pacientemente, isso ajudará a superar os conflitos que surgem no seu cotidiano. Algo que ficou evidente também (acrescentou) foi a mudança no contato com o pai, antes chorava ao falar com ele no telefone, hoje isso não ocorre mais. No início de novembro falou duramente com Tata sobre a postura da menina com relação ao pai dizendo: “- Ele preferiu a outra mulher ‘do que’ vocês! - Você acha que ele está preocupado com você?”.

A sra Nalva acredita que essa atitude e as palavras ditas ajudaram a menina a refletir e mudar sua postura emocional diante do pai através do telefone.

Finalizei o momento agradecendo o apoio desprendido pelo casal, orientei-os a encaminharem Tata para um psicólogo da clínica da PUC - SP, expliquei o processo de triagem que se faz necessário antes do encaminhamento psicológico, dispondo-me a sugerir outros psicólogos que lhes interessarem.

Disse-lhes que Tata correspondeu bem ao processo diagnóstico aplicado e que o seu problema está centralizado na questão emocional, aos conflitos naturais da adolescência, somado ao rompimento abrupto do relacionamento paterno com a família, culminando com as reações desequilibradas da menina. Acrescentei que o acompanhamento psicológico servirá para auxiliá-la a superar os conflitos que poderão surgir, ligado às questões anteriores apresentadas. Especifiquei que quanto ao diagnóstico cognitivo, Tata apresentou bom resultado, que os problemas de ordem do raciocínio das matérias de física e química, estavam relacionados à adaptação com os professores e suas metodologias de ensino, que isso com o tempo, seria superado, não havendo necessidade de um acompanhamento psicopedagógico.

Após o meu fechamento devolutivo, o casal agradeceu o trabalho efetuado e foram-se tranquilos, aliviados e agradecidos.

### 3 – ANEXOS

#### 1ª HORA DO JOGO – “BONECA”



## 1ª HORA DO JOGO

### “MÚSICA ‘TEATRO DOS VAMPIROS’ – LEGIÃO URBANA”

dura noite ter um lugar legal pra ir, já entregamos o alvo e o artilheiro acompanha nossas vidas, esperamos que um dia nossas vidas tenham se encontrada; quando me vi tendo de viver indo apenas igual o mundo; você me veio como um sonho bom e me arreuei; não sou perfeito, me arreuei a riqueza que nós temos ninguém consegue perceber; e de pensar nisso tudo, eeeeeuuu mulher feitoa teve medo e não conseguiu dormir...

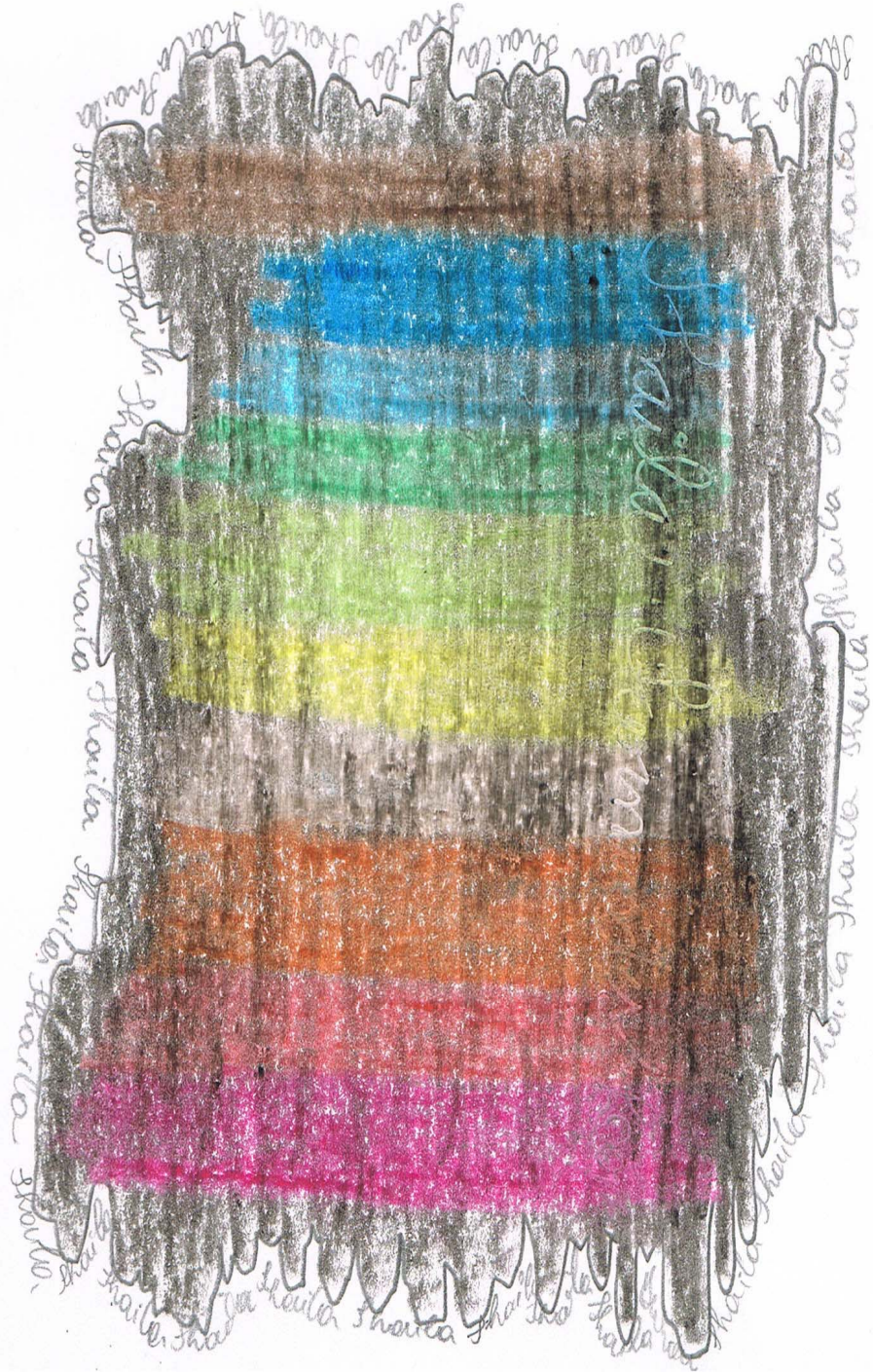
Vamos lá tudo bem eu só quero me divertir esquecer dessa noite ter um lugar legal pra ir já entregamos o alvo e o artilheiro e mesmo assim não tenho pena

Sempre paísi de um pouco de atenção; acho que nem sei quem sou, só sei do que não gosto, destes dias tão estranhos fica peiora se escondendo pelo canto; esse é o novo mundo o que é D+ nunca é o bastante a 1ª vez é sempre a última chance; ninguém vê onde chegamos os assassinos estão livres e nós não estamos...

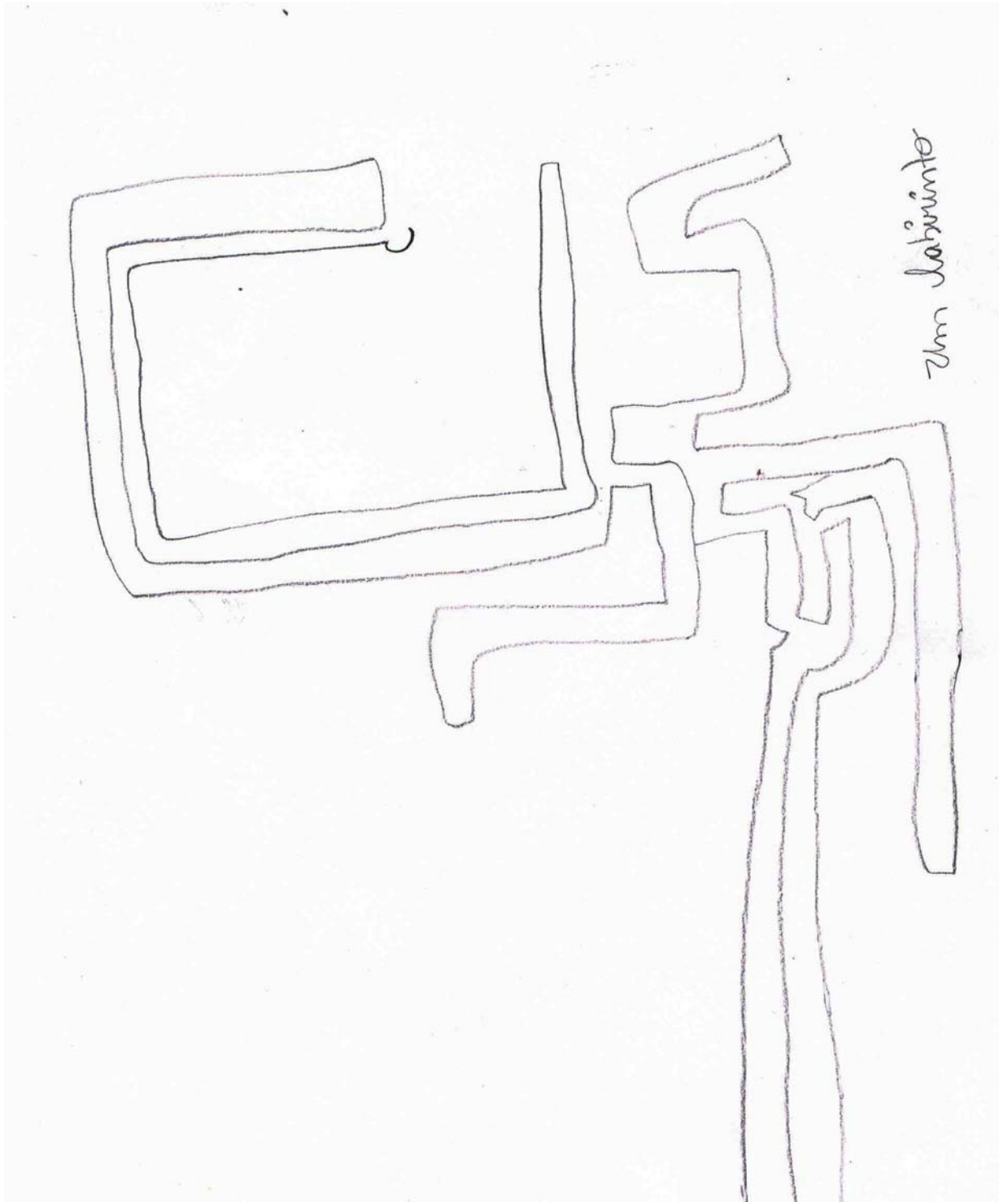
Vamos sair nós não temos mais dinheiro os meus amigos todos estão procurando emprego voltamos a viver como à 10 anos atrás e a cada hora que passo envelheço 10 semanas; vamos lá tudo bem eu só quero me divertir, esquecer

2ª HORA DO JOGO

“NOME NAS BORDAS DO QUADRO COLORIDO”



JOGO DO RABISCO – “LABIRINTO”

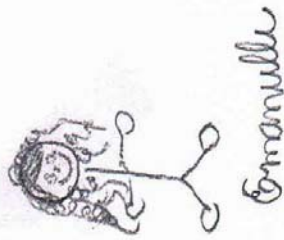
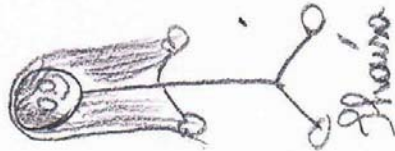
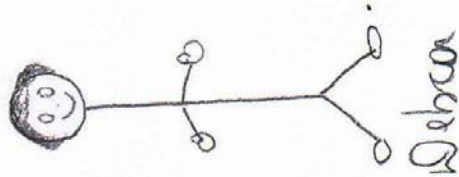
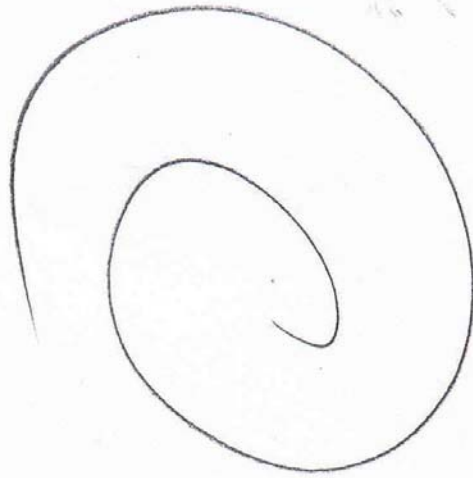


JOGO DO RABISCO – “ESTRELAS E FITAS”



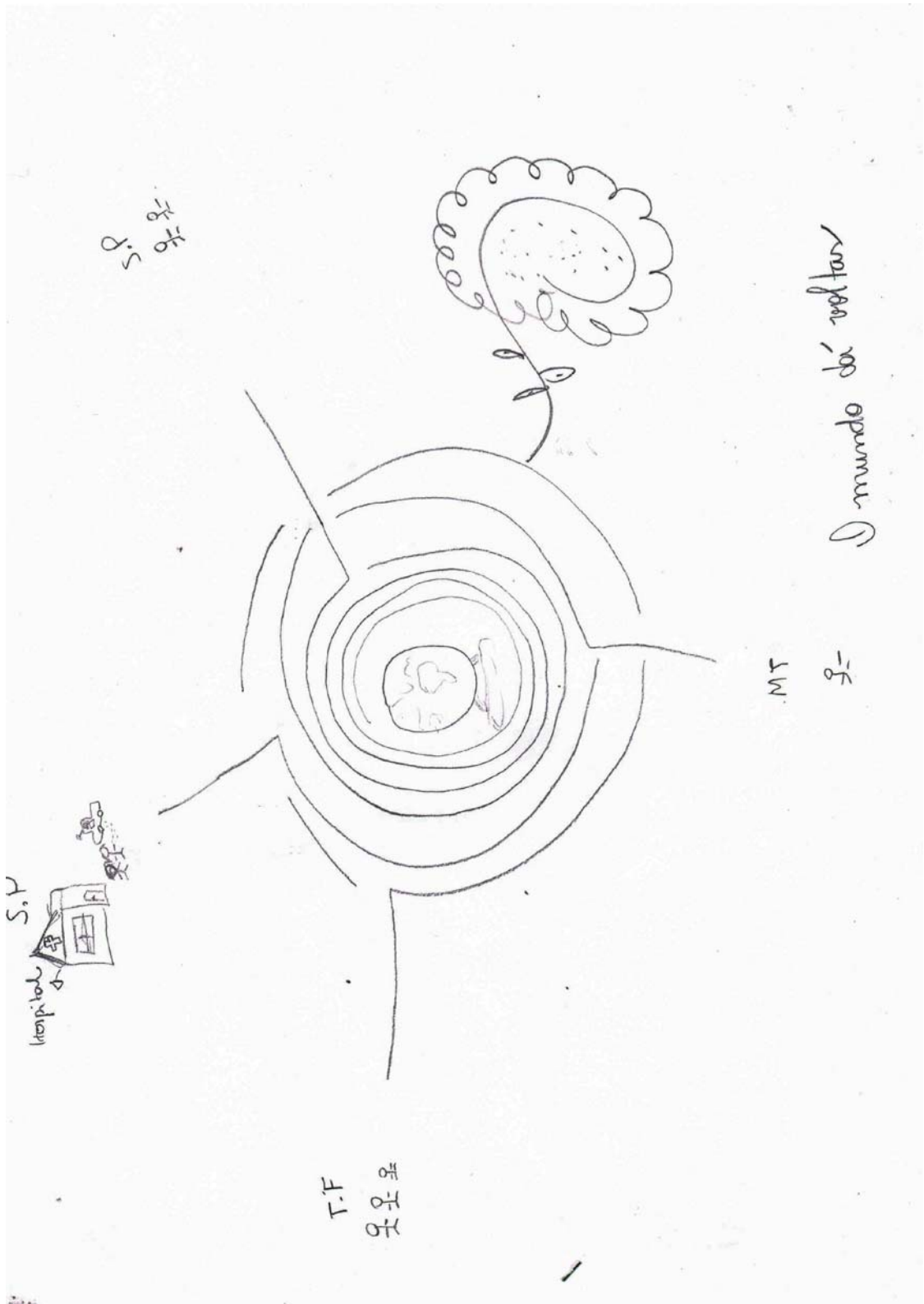
Estrelas e Fitas

JOGO DO RABISCO – “FAMÍLIA DISTANTE”

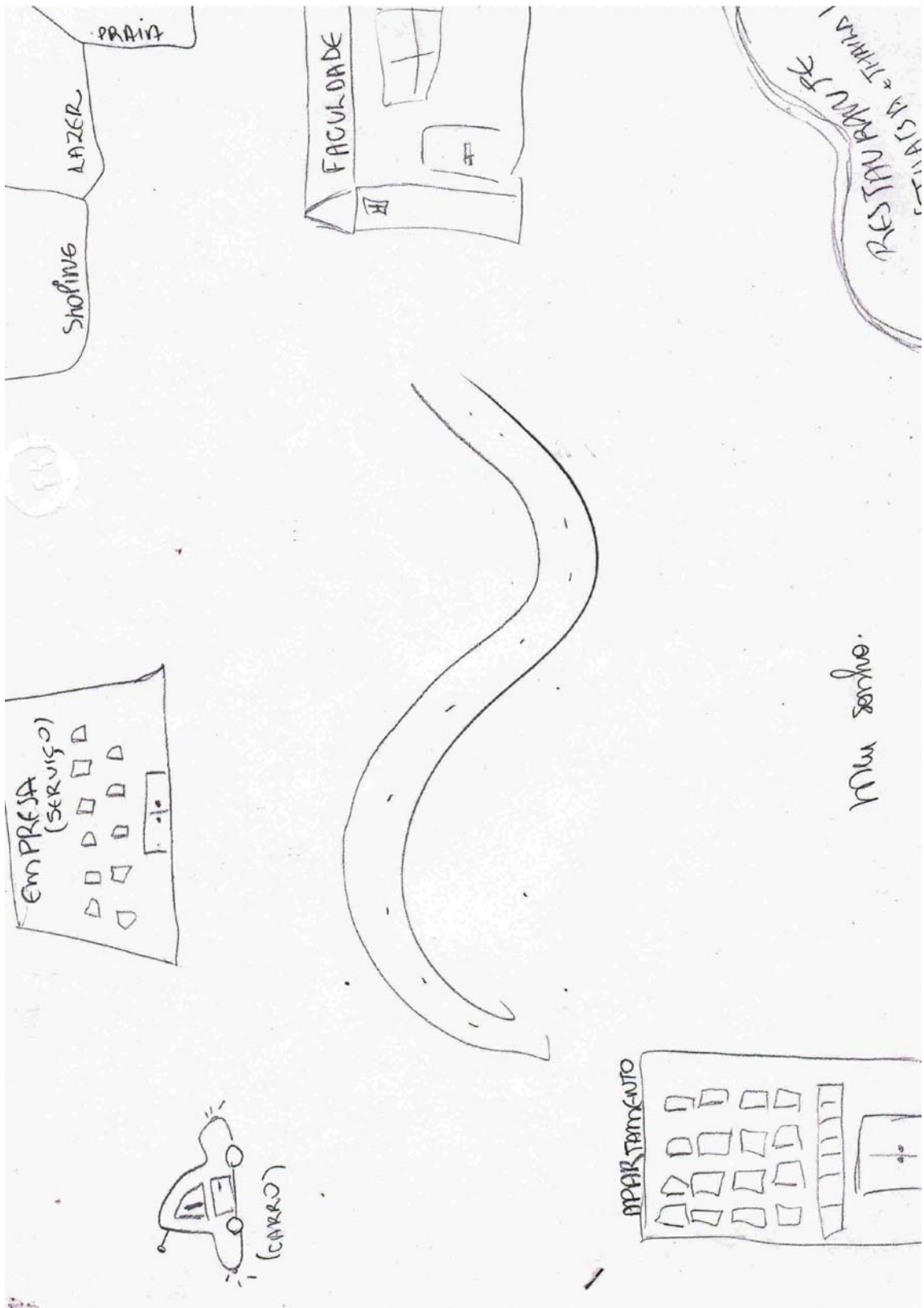


Família Distante

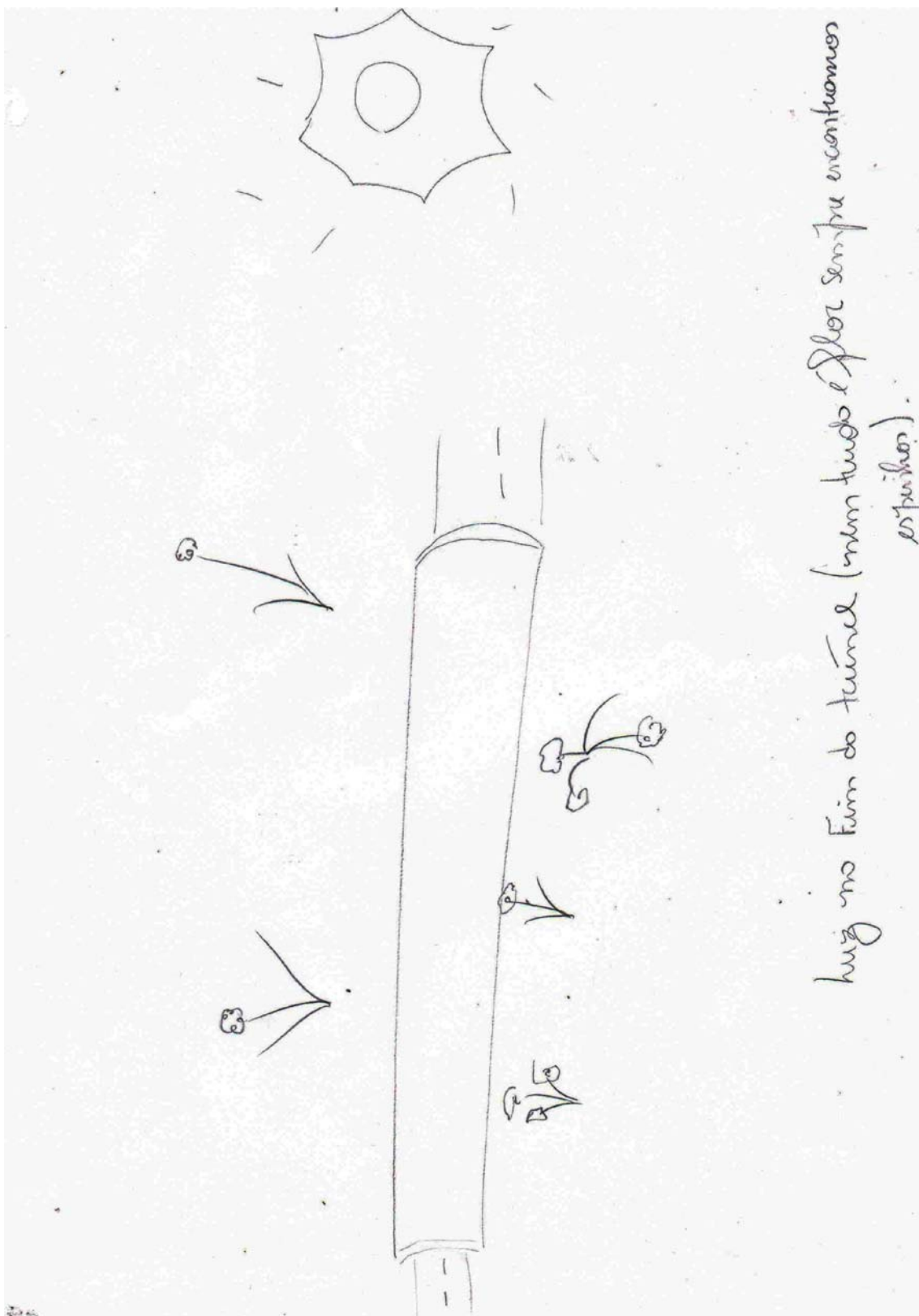
JOGO DO RABISCO – “O MUNDO DÁ VOLTAS”



# JOGO DO RABISCO – “MEU SONHO”



# JOGO DO RABISCO – “LUZ NO FIM DO TÚNEL”



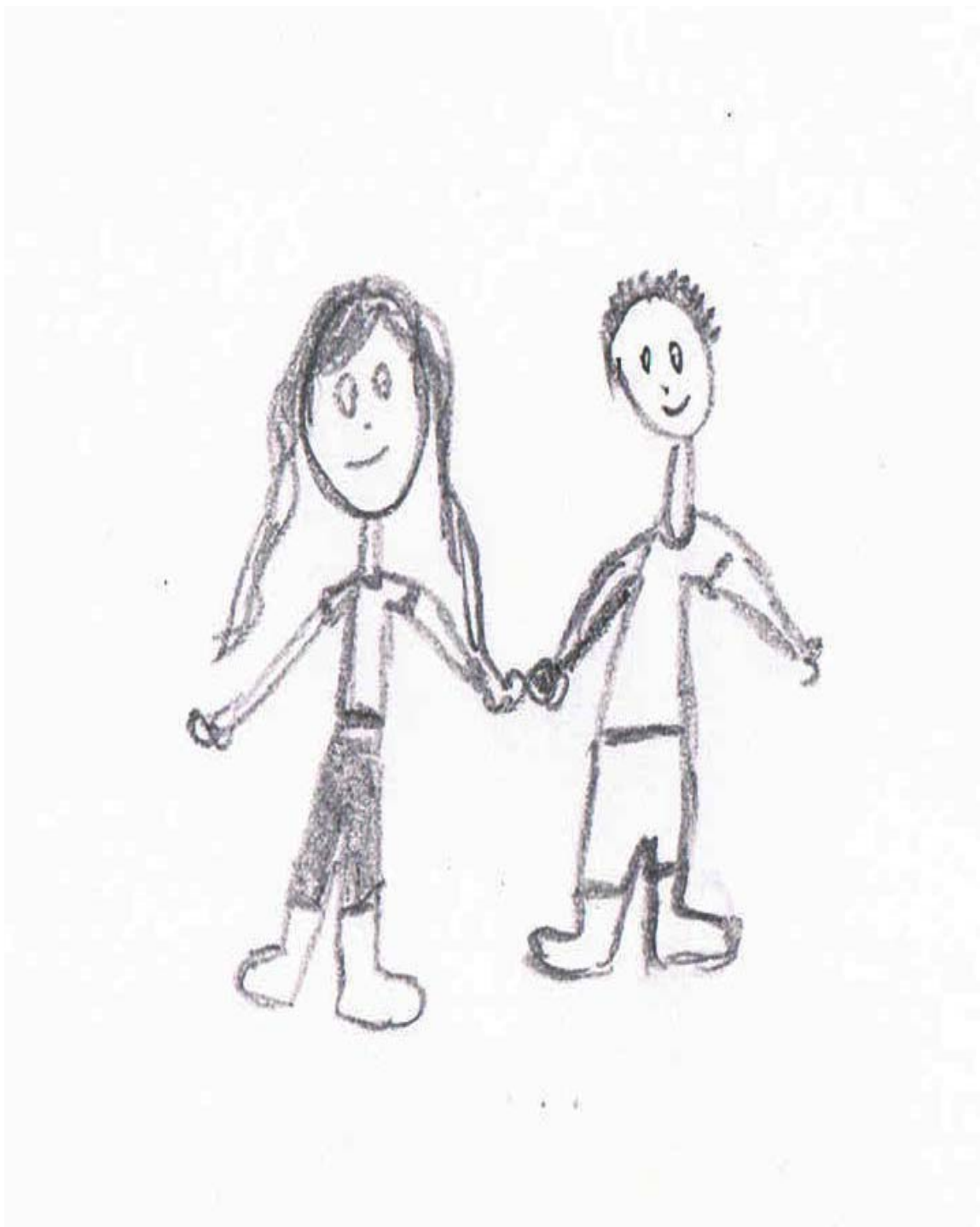
luz no fim do túnel (num tubo e flor sempre encontramos  
espelhos).

## DESENHO DO PAR EDUCATIVO

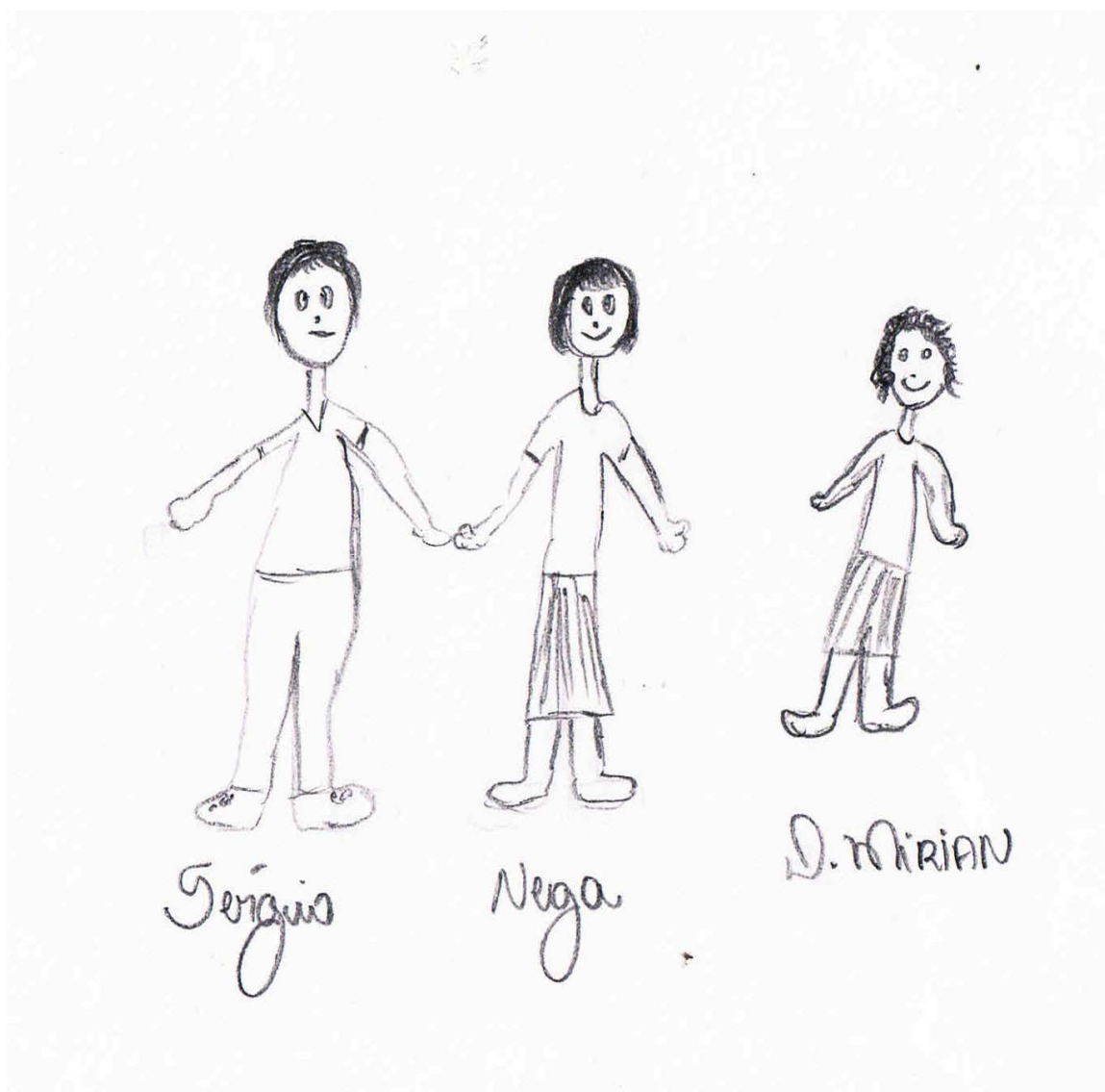
“PROFESSORA ENSINANDO” E “ALUNA FAZENDO O QUE APRENDEU”



**DESENHO DE UMA FAMÍLIA – “MUDANÇA DE VIDA”**

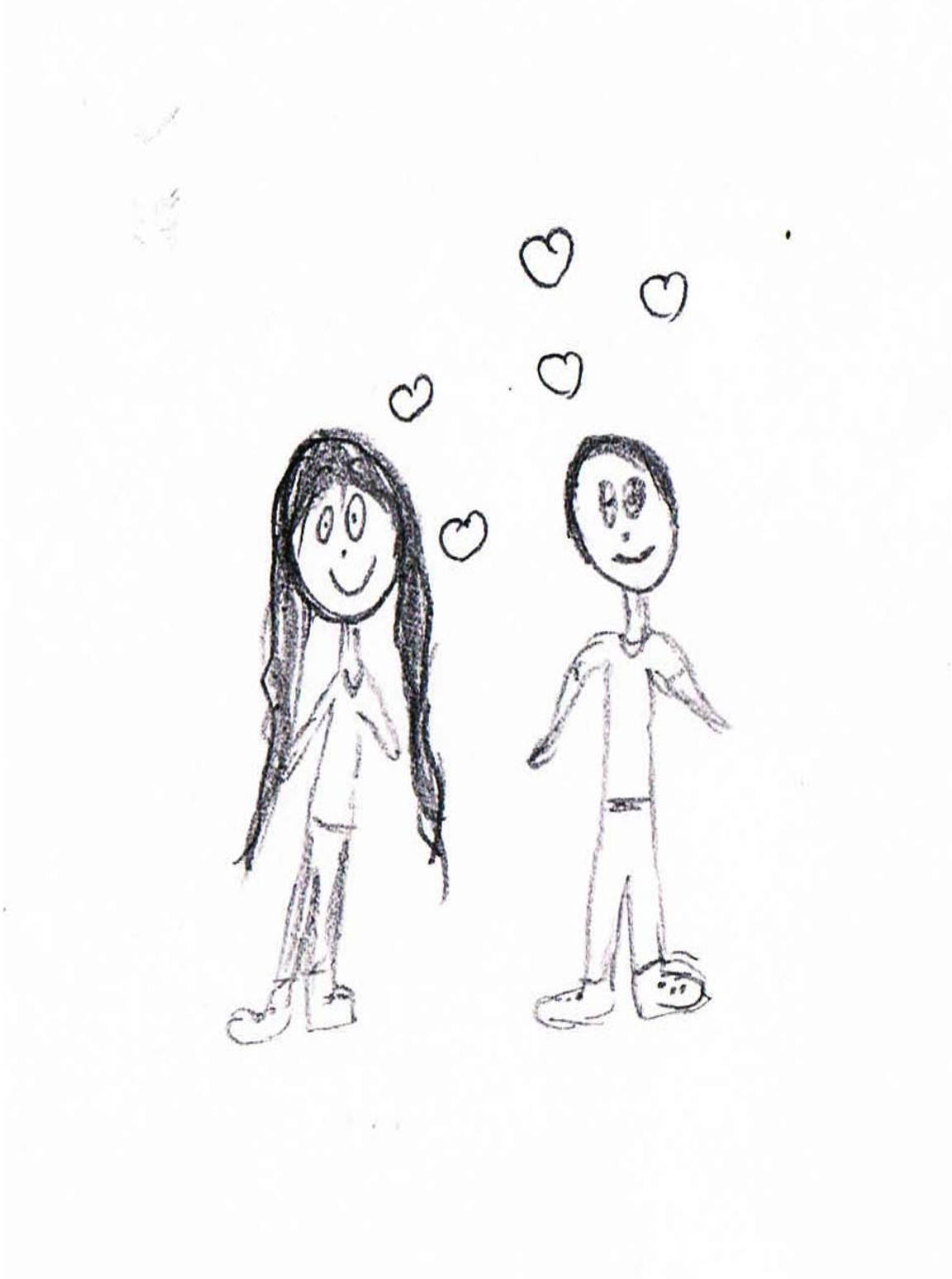


DESENHO DE UMA FAMÍLIA QUALQUER – “HARMONIA”

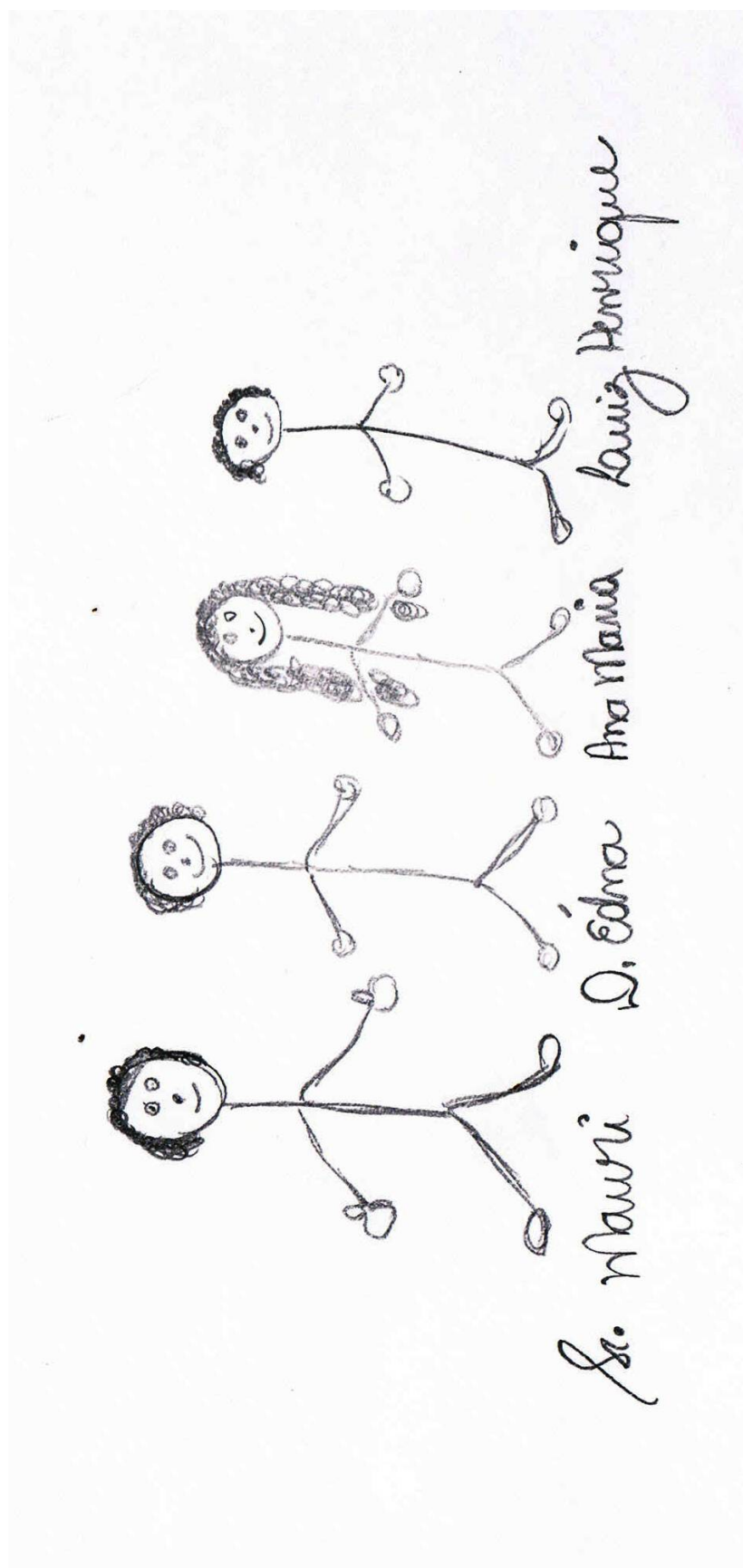


**DESENHO DA FAMÍLIA QUE GOSTARIA DE TER (PESSOA DOS SONHOS)**

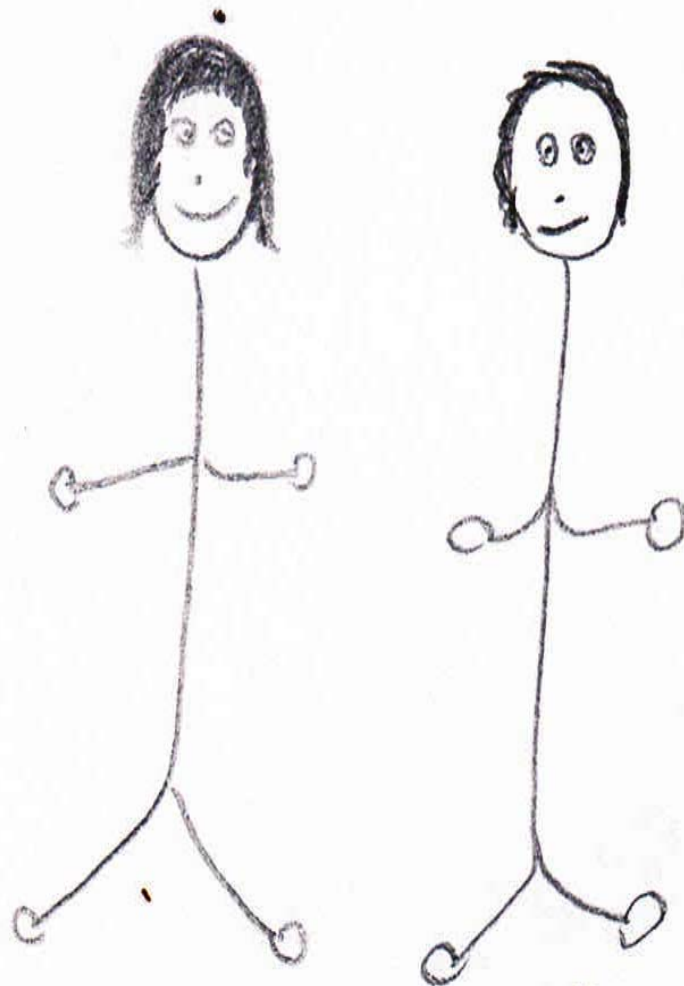
**TÍTULO "NÃO TEM!"**



FAMILIA QUE GOSTARIA DE TER "PESSOAS LEGAIS!"



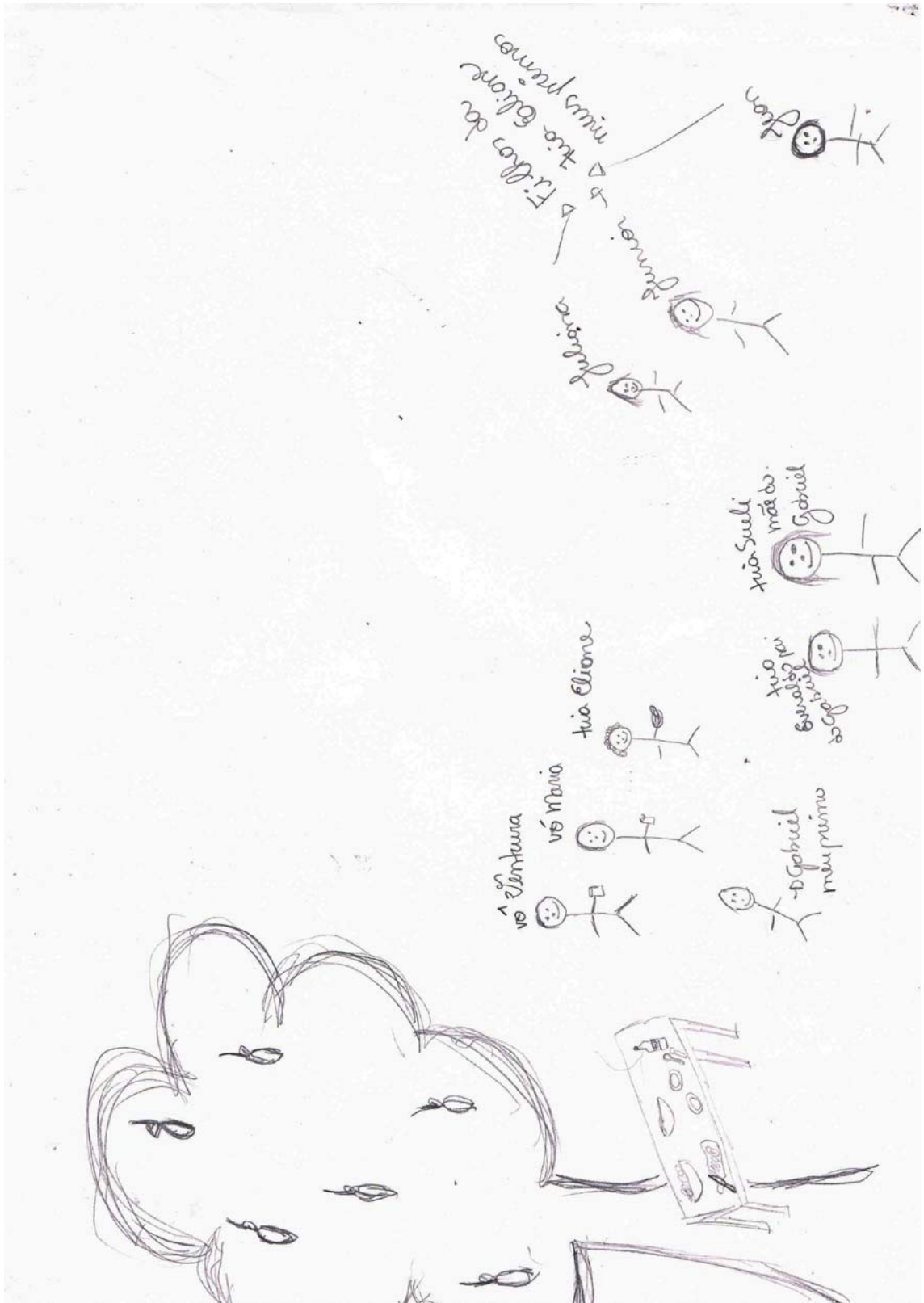
DESENHO DA SUAS FAMÍLIAS – “FELICIDADE”



D. Cleovina

Sr. Luiz

# FAMÍLIA CINÉTICA





#### 4 – PSICOPEDAGOGIA E ARTE CINEMATOGRAFICA (BREVE RELATO)

Incluso nas “Artes do espetáculo” o cinema ou “sétima arte” como descrito, têm produzido e projetado em tela (incluo também o DVD) filmes que focam temas que envolvem diversas áreas da sociedade (porque não dizer do mundo); os enfoques são efetuados com precisão de detalhes, as cenas mostradas ao público são tão ricas em linguagens verbais e não verbais, que por vezes, tanto psicopedagogos como profissionais da área educacional ou mesmo qualquer pessoa que não tenha afinidade com o tema identifica-se com cenas outrora vivenciadas na infância, na juventude ou mesmo na vida adulta.

Alícia Fernández (2001:62-63) a respeito da incidência da telemática descreve: “Em psicodrama, dou grande importância à montagem da cenografia por parte do participante que proporciona a cena. Situar o próprio corpo em relação aos objetos recordados do passado é um facilitador da emergência dos afetos e dos sentidos que poderiam estar sepultados, impedindo que aquelas situações se fizessem pensáveis e, portanto, deixando-as fora da possibilidade de historiar-las, ou perfurando e desgarrando o tecido autobiográfico necessário”.

Embora esse apontamento esteja estritamente vinculado à realidade televisiva, podemos incluir aí produções artísticas das mais variadas; porém, restringindo ao ambiente familiar e de ensino-aprendizagem (relacionamento professor-aluno) citarei alguns exemplos:

**“A Língua das Mariposas”** - Drama espanhol produzido em 1999 e dirigido por José Luis Cuerda – o filme desvela a relação professor-aluno focando o início da vida escolar de um garoto de sete anos chamado Moncho (Manoel Lozano), sua expectativa, quanto aos primeiros dias de aula, descobertas a respeito da vida e início de novas amizades, partilhado com o seu professor e amigo Dom Gregório (Fernando Fernan Gómez).

Moncho inicia a aula imaginando seu professor como outros da época: rígido, extremamente sistemático, pronto para castigá-lo ao menor erro nas matérias aplicadas ou um “pequeno deslize” em seu comportamento, porém, diante de um mestre calmo, tranquilo, muito elegante e, excelente “ensinante”, elege-o como seu amigo tendo-o como referência de vida.

As cenas de ensino-aprendizagem, explicitadas de forma sensível e detalhada pelo professor enriquece e reforça a transmissão do conhecimento aos alunos, dentro e fora da sala de aula, o qual utiliza o dia-a-dia vivenciado por eles no contato social com os colegas, comunidade e família.

No cenário de uma Espanha tradicionalista, o professor Dom Gregório, em defesa dos seus ideais republicanos, oposto aos princípios pregados pela igreja católica da época, desacata o padre que havia lhe chamado atenção, comprometendo sua imagem política e culminando com sua prisão junto a outros dissidentes contrários ao Estado.

Moncho, decepcionado com seu mestre, que segundo a sociedade era “separatista”, insulta-o, porém, o seu ensino e a forma de relacionar-se com seus alunos deixaram marcas na vida do garoto.

**“Escritores da liberdade”** – Drama americano produzido em 2007 e dirigido por Richard LaGravenese – baseado em fatos reais o filme relata a história da professora Erin Gruwell (Hilary Swank) quando começa a lecionar aos alunos do segundo grau de um colégio.

Uma classe tumultuada e conflituosa, dividida por gangues e etnias; os alunos, em sua maioria, eram envolvidos com problemas familiares, violência urbana, uso de drogas etc. brigas e discussões ocorriam dentro da sala, fatos que deixaram a professora decepcionada. Com persistência, ela interage com eles através do ensino, com aplicações de dinâmicas peculiares às características pessoais e sociais dos alunos, levando-os a refletirem suas posturas diante do “outro”, respeitando suas diferenças.

Erin propõe aos alunos, como trabalho para a sala, leitura do livro “O Diário de Anne Frank”, após lido, os alunos deveriam escrever seus próprios diários, relatando tudo o que quisessem, seus sentimentos, pensamentos, o que ocorreu em suas vidas, sonhos etc.

Sem apoio da escola e dos professores, decide trabalhar em outro emprego, como complemento financeiro para compra de livros; envolvida emocionalmente com os jovens, inicia um terceiro emprego para custear as viagens culturais da sala, atitude que comprometeu seu relacionamento conjugal, causando conflito entre ela e seu marido.

Após leitura do livro “O Diário de Anne Frank”, a professora pediu aos alunos, como trabalho sobre a leitura, que escrevessem uma carta para Miep Gies, a mulher que havia protegido Anne Frank, falando sobre o que acharam do livro; os alunos, estimulados com a idéia, contatam Gies, que por conseguinte, faz uma visita a escola.

Estudando a história do holocausto, a turma 203 (como eram chamados no colégio) torna-se uma família, ocorrendo um entrosamento carinhoso e respeitoso entre eles.

Um filme interessante e envolvente, quando falamos de relacionamento professor e aluno; a professora Erin supera a hostilidade da classe e torna-se, para os alunos, mais que uma professora, fazendo-os perceber o valor e a capacidade que tinham para superar as diferenças pessoais e sociais.

**“O Menino do pijama listrado”** – drama produzido na Inglaterra em 2008, dirigido por Mark Herman – O filme relata a história de um menino chamado Bruno (Asa Butterfield), no cenário de 1940, que recebe a notícia de sua mudança (junto com a família) de Berlim para um lugar distante.

O motivo justificado ao garoto, é que o pai (um oficial nazista) foi promovido, porém, para ele, o pai é apenas um soldado em cumprimento dos deveres patrióticos. A casa, protegida por seguranças, não impediu Bruno, aguçado pela sua curiosidade, de conhecer a fazenda, que avistava da janela de seu quarto, onde via os adultos e as crianças vestidos com pijamas listrados.

Sentindo-se solitário, busca alguém para brincar “descobrimo” um caminho que o conduz próximo à cerca da fazenda; ali, conhece um garoto judeu chamado Shmuel (Jack Scanlon) também com oito anos, com aparência “sofrida” (dente careado, cabeça raspada...) contrapondo a exuberante saúde física de Bruno, o qual acaba fazendo amizade com ele. Na verdade, Shmuel e os adultos são prisioneiros no campo de concentração, algo que Bruno não percebe (e não sabe).

Os pais e irmã quando questionado pelo garoto a respeito dessas pessoas que andam “sempre” de pijamas listrados, justificam a ele que são inimigos, porém a amizade e identificação com Shmuel o envolve ao ponto de vestir-se como ele, adentrando no campo de concentração, culminando num final inesperado.

O brincar de Bruno com Shmuel e sua inocência, desvela a semelhança que existe entre as crianças do mundo em sua fase de descobrimento de si e do outro, a amizade e a curiosidade; ele sabia que deveria manter-se distante do menino judeu, pois aprendera que os judeus representavam ameaça e um mal para a nação; seu tutor havia lhe dito que se encontrasse um judeu bom, ele seria o melhor explorador do mundo, o que certamente o incentivou a investir na amizade.

**“O sorriso de Mona Lisa”** - filme americano produzido em 2003 e dirigido por Mike Newell – Conta a história de uma professora de arte da década de 1950 chamada Katherine Watson (Julia Roberts); educada na Universidade de Berkeley na Califórnia, enfrenta sérios problemas ao lecionar no Wellesley College, uma escola feminista e tradicionalista, onde as melhores jovens dos Estados Unidos são preparadas para serem ótimas esposas e brilhantes mães.

Tentando convencer as alunas a terem um pensamento liberal, a mesma enfrenta hostilidade e preconceito por parte das alunas e da administração escolar, especialmente da mãe de uma delas (Betty), membro da Associação de Mestres, que não achava a professora Katherine adequada por não ser de família aristocrática, não possuir dinheiro e não pertencer ao círculo social.

Proveniente de uma universidade liberal, Katherine sente o desejo de mudar o futuro dessas alunas, transformando-as em mulheres independentes e profissionais, contrariando a filosofia do colégio, que é torná-las competentes para cuidar dos filhos e maridos; nesse clima de perspectivas entre professora e alunas, ocorre hostilidade e decepção entre as partes, tornando o filme interessante no que refere a professora que espera a aluna ideal e vice-versa.

Acrescento aos filmes citados o drama “Oleanna”, de David Mamet, ao qual escolhi para análise, por apresentar em seu conteúdo o relacionamento entre um professor universitário de meia idade John (William H. Macy) e uma de suas alunas, a jovem estudante Carol (Debra Eisenadt), desvelando na trama, com precisão, o processo transferencial e o conflito professor e aluno, tema central desta monografia vinculado ao trabalho cinematográfico.

#### 4.1 – RESUMO DO FILME “OLEANNA”

O filme *Oleanna* de David Mamet é um drama produzido em 1994 no Reino Unido, baseado em uma peça com o mesmo nome. Há um enfoque acentuado no diálogo dos interlocutores, ou seja, na manipulação da palavra, o que fica nítido na fala rebuscada do professor John e na simplicidade e fragilidade verbal da aluna Carol. O escritor é conhecido e elogiado pela sua atenção e cuidadoso trabalho no diálogo utilizado nos seus filmes.

O filme envolve dois personagens: um professor universitário, John, que é confrontado por uma aluna, Carol; reprovada em sua matéria, ela o procura na universidade justificando que não entende a disciplina e nem o livro escrito por ele, ambos passam um longo tempo conversando entre si no escritório do professor.

Os dois passam longas horas num diálogo acirrado e conflitado, John fala de forma não compreendida a Carol, utilizando palavras de nível acadêmico de difícil entendimento, cuja compreensão é totalmente obscura para a aluna, a qual ela entende de forma errada. Uma noite após a conversa, Carol o acusa de assédio sexual, além de outras acusações.

Diante da situação, a carreira de John na universidade é afetada e sua atitude para tratar a situação torna-se instintiva e bruta no término do filme.

## 4.2 – ANÁLISE DO FILME

Carol desapontada e descontente com suas notas dirige-se ao escritório do professor e reclama que não entende o que ele ensina, pois, segundo ela, havia complexidade na transmissão do conteúdo da matéria. Percebe-se na aproximação e em sua fala, frustração e temor em ver os seus sonhos da formação universitária esvaírem-se.

Retomo o descrito no capítulo um: “A confiança que o aluno deposita no mestre é vinculada à angústia do ‘não saber’; todo processo na condução do conhecimento é permeado pela segurança e apoio concedidos pelo mestre em direção ao desconhecido. O fenômeno da transferência ocorre nesse processo, pois o aluno se lança ‘amorosamente’ aos cuidados daquele que o levará rumo à descoberta do que, até então, está obscurecido”.

Complementando com Morgado (2002:26) “na sala de aula, o processo de sedução provavelmente se constitui porque o aluno depende efetivamente do professor, seja no nível de suas necessidades conscientes – como aprovação, reconhecimento social -, seja no nível de suas necessidades inconscientes – como, por exemplo, reconhecimento afetivo;...”; a presença de Carol e sua fala denotam total sentimento de fracasso, derrota e inferioridade diante do professor, mas subjetivamente diante do “Pai” desejando aprovação, buscando entender o porquê da reprova.

O professor John, apesar de estar com muita pressa, lhe oferece ajuda fora das horas de aula e lhe diz que poderá melhorar suas notas, se ela se dispor passar algum tempo com ele. Diante da situação, percebemos uma manobra delicada e sutil de sedução intelectual, mesmo tempo que, “erotizada”, reporto-me as palavras de Morgado (2002:39) “A sedução intelectual – que pode ser mais ou menos erotizada – implica um brutal desvio de autoridade do professor na relação com o conhecimento e na relação com seus alunos. Complemento com palavras de Garrossino (2005:05) “Portanto, alunos e professores chegam à escola carregados inconscientemente de suas histórias de vida e a partir dessas experiências vividas, sendo elas bem ou mal elaboradas por eles, é que conseguirão desenvolver as novas relações com seus professores e os demais alunos”.

John utiliza palavras de difícil compreensão em seu diálogo com Carol, esperando dela o entendimento preciso dos seus argumentos; certamente, ela esperava dele uma linguagem clara, pois não havia entendido o livro que o mesmo havia escrito.

No processo de sedução e autoridade fazemos uma metáfora a respeito de Carol comparada a uma criança que, na tarefa de descobrir os enigmas propostos pelas exigências do conhecimento, cativa-se e ao mesmo tempo se angustia.

Retomo as palavras de Chauí (1980) no que tange ao professor ocupar o lugar na construção do conhecimento: “O professor precisa fazer um esforço cotidiano para que seu lugar permaneça vazio, pois seu trabalho é tornar possível o preenchimento desse lugar por todos aqueles que estão excluídos dele e que aspiram por ele e pelo qual não poderiam aspirar se já não estivesse preenchido por um senhor e por um mestre. Porque existe o lugar do professor; mas existe como lugar vazio, todos podem desejá-lo e ninguém pode preenchê-lo. (...) o diálogo do aluno é com o pensamento, com a cultura corporificada nas obras e nas práticas social e transmitida pela linguagem e pelos gestos do professor”.

As perguntas de Carol e seus questionamentos como aluna e principalmente como aprendente é um indicador de aprendizagem, ou melhor, é uma característica do aprender a respeito do qual Alicia Fernández (2001:166) descreve: “Se uma criança, um adolescente e um adulto podem perguntar-se, fazer perguntas e fazer-se perguntas, isto é indicador de saúde em aprendizagem, de liberdade para pensar”. (...) ”É necessário insistir nisso e trabalhar para que, como educadores e professores, não sejamos ‘televisores’; precisamos abrir espaços de questionamento, de pergunta”.

Há entre os interlocutores um duelo de palavras, de um lado o professor com expressões difíceis, prevalecendo sua intelectualidade acadêmica, do outro (aparentemente até o momento) a frágil e indefesa aluna Carol, que, alcançar o grau de compreensão lingüística aplicada pelo professor lhe era impossível, pois articular idéias e responder à altura a angustiava profundamente.

Quantas vezes já experimentamos tal situação, desde a tenra idade da pré-escola até, ou além, da vida acadêmica, em que nossos mestres, a quem reverenciamos, respeitamos e amamos (por que não dizer: idolatramos) escondem, negam e deslocam o conhecimento que tanto almejamos através de “fala” ou “expressões” incompreensíveis que ao invés de facilitar o caminho do conhecimento obscurece-o, impedindo-nos de atingir ou compreender o seu nível de intelectualidade.

Diante dessa realidade, percebemos o exibicionismo do professor e a inibição da aluna, conforme Fernández (2001:125) aborda com precisão: “Quando o mostrar transforma-se em mostrar-se, esse mostrar já não é mostrar, mas exhibir. Aquele que mostra já não mostra/ensina sua possibilidade de construir o conhecimento como algo diferente dele, mas mostra-se conhecedor. A distância entre o conhecimento e ele é suprimida. Ensinante e conhecimento superpõe-se aparecendo um excesso, o qual não é de conhecimentos dados, e sim de informações”.

John está no lugar do professor “exibicionista”, reporto-me às palavras de Fernández (2001:126) “O aprendente que deseja conhecer e que se encontra frente a um ensinante exibicionista poderá reagir da mesma forma por quem olha diretamente o sol do meio-dia: fechará os olhos. Além disso, como o sol é a luz e não o portador da luz, quem o olhar, mesmo que desvie rapidamente, continuará vendo o sol em uma parede ou mesmo de olhos fechados. Portanto, fechar os olhos, evitar olhá-lo, não indicaria um problema de visão, mas um desejo de proteger-se”.

Fica nítido pelo movimento de ambos o quanto o conhecimento é negado à aluna; utilizando a metáfora utilizada por Fernández (2001:25-26) entre conhecimento e alimento, observamos que uma das causas do fracasso escolar está vinculada à privação que o aluno sofre em relação ao mesmo: “O conhecimento (ou melhor, a informação) é o alimento que o sujeito aprendente precisa incorporar, transformar, metabolizar”. (...) ”Por ter sido privado do alimento a que tem direito e cujo cumprimento é responsabilidade da sociedade, o desnutrido pode ‘esquecer-se’ de registrar sinais de fome como uma defesa necessária”. (...) ”Assim como para resolver o problema do apagamento dos sinais da fome no desnutrido devemos intervir no contexto que o priva de alimentos, para resolver o fracasso escolar do aluno devemos intervir no contexto que o priva de um espaço de autoria de pensamento. Ou seja, devemos intervir no sistema ensinante. O fracasso escolar afeta o sujeito em sua totalidade. A criança que dele padece sofre pela subestimação que sente ao não poder responder às expectativas dos pais e dos professores”.

Carol tem dificuldade de conectar-se ao conhecimento; olhando por esse prisma, observamos um certo “aborrecimento” possivelmente conseqüente do lugar em que se encontra o professor, Fernández (2001:126) sinaliza “..., às vezes, certo aborrecimento nos jovens pode ser lido como uma necessária inibição-evitação reativa a um sistema exibicionista. Quem ensina, quando se exhibe conhecedor, não promove a produção de relação com o aprendente, aquilo que transmite não é ‘conhecimento’, mas informação. (...) Isto dará lugar ao mecanismo de evitação: evitar tomar contato com o objeto de conhecimento, pois não há distância entre a pessoa que possui o conhecimento e o conhecimento. O ensinante não é o conhecimento, mas situa-se como se fosse”.

Outro fator explicitado nas cenas é a influência da inquestionável autoridade do professor encontrada na Pedagogia Tradicional; John utiliza palavras de um nível acadêmico elevadíssimo ao entendimento de Carol revelando o poder de decidir o seu futuro no exercício de sua autoridade sobre ela apresentando eficazmente suas críticas e dúvidas a seu respeito, banalizando até mesmo seus sentimentos. A esse respeito, reporto-me às palavras de Morgado (2001:17) ”Na primeira tendência – Pedagogia Tradicional –, a autoridade do professor é inquestionável. É ele e somente ele quem domina os conteúdos de ensino, transmitindo-os dogmáticamente. A distância entre seu nível de conhecimento e o do aluno é imensa e insuperável”. Acrescenta com palavras de Bohoslavsky (1982:335) “Uma das formas mais interessantes que a agressão indireta assume é a maneira pela qual o professor demonstra a sabedoria que alcançou e possui e como ela é inacessível aos alunos. /.../ Ao definir o conhecimento como uma meta a ser alcançada e supostamente motivar o aluno no sentido de tentar alcançar este conhecimento, coloca-o à distância e se erige como intermediário que ao mesmo tempo em que mostra, esconde”.

Não existem “terceiros” no diálogo conflitante entre John e Carol; as interferências que ocorrem foram, em sua maioria, via telefone; a esposa do professor e seu advogado estão presentes somente em sua fala com a aluna, ambos invisíveis a cena do filme.

O enredo é totalmente desenvolvido no ambiente de uma universidade, favorecendo a observação da relação professor – aluno e os conflitos emocionais; em alguns momentos, ocorre um breve e curto deslocamento para a casa do professor, vazia, sem os familiares e com poucos móveis, casa essa justificada em seu diálogo com a aluna, como motivo da sua “necessidade de sair” para interrupção da conversa.

No escritório da universidade em que se encontram, professor e aluna, demonstram forte conflito em suas linguagens e movimentos, embora, John em sua fala e postura, mantém-se controlado, Carol, porém, explicita veementemente agressividade e petulância diante do seu mestre o qual a inferioriza com sua “intelectualidade” aplicando palavras de elevada retórica.

Diante da ansiedade e do silêncio que a reduz o professor, Carol deixa a xícara de chá cair. Ela simboliza o lugar de aluno, com a predisposição psíquica à transferência, ou seja, a substituição de uma figura anterior, isto é, dos pais, pela figura do professor que representa a autoridade pedagógica atribuída pela universidade. Simbolicamente, Carol é a “criança” que quer ser provida do “saber”, todo sentimento fundamentado com os pais é transferido ao professor, algo que John não percebe. A cena observada remete-me às palavras de Morgado (2002:114–115) a respeito da contratransferência: “A reação inconsciente do professor à transferência do aluno – contratransferência – completa o campo que possibilita o surgimento da relação. Desse modo, ele não é imune à transferência do aluno. Ou seja, não é imune à ternura, ao amor e ao ódio transferenciais. Pode retribuir ou não esses afetos, pode fingir não percebê-los, enfim, pode tomar várias atitudes – das mais às menos adequadas. Seja qual for seu procedimento, necessariamente terá como ponto de partida os afetos transferenciais do aluno. A contratransferência fundamenta-se no seguinte: assim como seu aluno, ele também tem fixações em etapas psicosssexuais infantis. Também identificou-se com seus genitores, transformando-os no seu primeiro modelo de ser. Em seguida, também passou pelo conflito edipiano que o obrigou a retornar à primeira identificação. Seu superego também introjetou a autoridade parental, sucumbindo à sedução”. (...) “Portanto, pode reviver a relação original nas relações atuais por intermédio dos mesmos mecanismos que seu aluno: resistência e compulsão à repetição”. (...) “O aluno precisa se libertar da transferência, para que as energias aprisionadas sejam liberadas para o trabalho de aprender; o professor precisa romper a contratransferência, para que as energias fixadas sejam dispendidas no trabalho de ensinar. Para cumprir sua função de mediador entre o aluno e o conhecimento, o professor não deve corresponder aos intensos sentimentos transferenciais”.

Ela o acusa de ser um selvagem disfarçado, um bárbaro de terno e gravata, um monstro que se oculta sob o manto do professor e atrás de uma pilha de dicionários. O professor em dado instante relata a ela o seu passado, que na época que não era professor, precisamente no período da sua infância, passou por sofrimento, sentindo-se incompetente, não entendia o que os outros diziam, não compreendia suas “idéias”, superado esse problema, restava apenas uma “idéia vazia” de emoções. Percebemos que há uma verdade nesse diálogo, até então negada (emocionalmente) pelo professor à aluna.

John também era vulnerável emocionalmente, porém, até então, a autoridade cindida no lugar do professor, o protegia, e a “razão” na sua fala hostilizava a aluna “problemática”.

Observamos o apontamento de Morgado (2002:116) “Quando reage contratransferencialmente à ternura, ao amor e ao ódio, o professor atende, a um só tempo, às suas fixações infantis e às fixações do aluno. O aluno passa a ocupar o lugar das figuras prototípicas de seu passado, e ele passa a ocupar o lugar dos protótipos infantis do aluno. Repetem seus passados, em vez de extraírem da nova relação a possibilidade de ressignificá-los”.

O discurso do professor é anotado cuidadosamente por Carol, apesar do desejo de aprovação, submete-se às difíceis expressões por ele pronunciadas. Fato constante em algumas universidades favorecendo o surgimento da inibição cognitiva, do evitar pensar, conforme transcrevo as palavras de Fernández (2001:126) “Em *A mulher escondida na professora*, iniciei a busca sobre a relação entre a modalidade de ensino da ordem do exhibir e a modalidade de aprendizagem da ordem da inibição cognitiva, do evitar pensar. Não há uma alteração do pensar, mas um movimento defensivo exitoso, no qual é evitado o contato com o próprio pensar”.

E ainda, segundo palavras de Masetto (2002:89) a respeito do conceito de sala de aula universitária: “Com efeito, a sala de aula é espaço e tempo durante o qual os sujeitos de um processo de aprendizagem (professor e alunos) se encontram para juntos realizarem uma série de ações (na verdade interações), como estudar, ler, discutir e debater, ouvir o professor...”, privilégio negado por John à sua aluna.

Carol tem grande possibilidade de aprovação, desde que o campo de comunicação, entre inconscientes, sejam superados, ou seja, retomando Morgado (2002:115) “O aluno precisa se libertar da transferência, para que as energias aprisionadas sejam liberadas para o trabalho de aprender; o professor precisa romper a contratransferência, para que as energias fixadas sejam dispendidas no trabalho de ensinar”.

John está, na verdade, correspondendo aos intensos sentimentos transferenciais de Carol, instalando um círculo vicioso em que a relação pedagógica tornou-se forma de “revivescência” mútua das fixações libidinais. Morgado (2002:87) “O aluno pode reeditar sentimentos hostis que o impedem de reconhecer a autoridade do professor para ensinar”.

John prevalece, sobrepõe, sub-julga, até que Carol, sentindo-se injustiçada pela reprovação e manipulação intelectual do professor onipotente, decide sair do lugar de inferioridade em que a colocou o seu “mestre” criando várias acusações comprometendo o caráter e a moral do mesmo junto ao Conselho da Universidade, aproveitando-se das palavras com vários sentidos, dos gestos, das brincadeiras verbais e do afeto, formaliza a bárbara acusação de assédio sexual, que após alguns momentos é transmitida a John através do telefone pelo seu advogado.

A aluna foi tão veemente ao sustentar suas convicções e difamações que num primeiro momento é realmente difícil saber de qual se trata, onde, de fato, o professor perde o solo; seu raciocínio tão lógico vê-se lançado ao caos, e ele enfraquece. Pelas circunstâncias, torna-se difícil esquivar-se das acusações cruéis que sua, até então, “frágil” aluna o comprometeu.

Diante da situação, o professor fica paralisado, desconcertado, impotente, não acreditando na realidade vivida, a qual de vítima a aluna passa a ser a vilã. Outrora, em todo o momento do diálogo entre ambos, Carol agia com um certo desequilíbrio emocional e o professor John, polido, contido e preciso, permanecia “emocionalmente” distante dela.

O que muitas vezes vivenciamos no cotidiano escolar: professores tão preocupados com a aplicação do conteúdo, textos bem elaborados e disposição em transmitir conhecimento; sem dúvida, isso é necessário e salutar à educação, afinal, o bom profissional também é o que se organiza e busca o melhor para sua função, porém, quando falamos da aprendizagem e da comunicação aluno – professor – aluno, não podemos nos esquecer do vínculo emocional que se entrelaçam; segundo Morgado (2002:111 e 116) “..., é a partir da transferência do aluno e da contratransferência do professor que a relação se estabelece. Não fosse essa herança emocional das relações originais, ambos sequer teriam elementos psicológicos para se vincularem”. (...) “Estes homens, nem todos pais na realidade, tornaram-se nossos pais substitutos. /.../ Transferimos para eles o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância e depois começamos a tratá-los como tratávamos nossos pais em casa. Confrontamo-los com a ambivalência que tínhamos adquirido em nossas próprias famílias e, ajudados por ela, lutamos como tínhamos o hábito de lutar com nossos pais em carne e osso”.

Morgado (2002:119) considera que “... a definição prévia da autoridade antecipa o campo transferencial da relação pedagógica. Mesmo antes de se conhecerem, professor e aluno já tem expectativas ideais para a futura relação. O professor vislumbra um aluno ideal, e o aluno vislumbra um professor ideal. Mas não há como fugir dessa situação. É justamente esse campo transferencial que cria as condições psicológicas para que a relação se estabeleça”.

Entendemos que o professor John não deveria corresponder aos intensos sentimentos transferenciais de Carol, ele deveria romper a contratransferência para que as energias fixadas fossem direcionadas no trabalho de ensinar, ou seja, efetuar mediação entre a aluna e o conhecimento.

Para Morgado (2002:118) “É preciso relativizar os obstáculos da contratransferência: o professor que sabe pode ensinar, mesmo quando não tem consciência do campo transferencial”. (...) “Para cumprir adequadamente sua função de mediador, o professor deve conferir importância aos sentimentos transferenciais que o aluno lhe dirige, sem corresponder a eles. Deve, ao contrário, insistir na tarefa de ensinar, canalizando as energias fixadas do aluno para a atividade intelectual”.

As atitudes de John e o lugar superegóico que ocupava, o conduziu ao laço que o prendeu, tornando-se vítima de si mesmo, retomando às palavras de Morgado (2002:37) a respeito da sedução "... o aluno atualiza seus conflitos edipianos na sala de aula, onde a autoridade cindida do professor personifica o conhecimento, ocupando o lugar superegóico da lei e da ordem – da onipotência das figuras parentais introjetadas".

Esse filme revela as vicissitudes que ocorrem na relação professor – aluno – professor, mostra-nos a realidade pedagógica iniciada desde a pré-escola aos níveis mais elevados do conhecimento; Fernández (2001:27) aponta uma importante observação a respeito do lugar do saber: "Todo lugar de saber é um lugar de poder, e nós, psicopedagogos, que pretendemos conhecer sobre o conhecer, o não-conhecer e sobre os que não podem aprender, com facilidade podemos cair imaginariamente em uma posição de certeza, muitas vezes também solicitada por nossos consultantes. A pergunta que na maior parte das vezes nos é dirigida é: 'Sou inteligente?'. Quando ocorre uma resposta negativa, esta costuma ser aceita como um oráculo que não é possível questionar. Além disso, a mera suposição de uma resposta assertiva para tal pergunta – sem levar em conta que a inteligência é construída e produzida na interação social, de acordo com processos identificatórios – supõe um abuso de poder que torna temível nossa palavra".

John não percebe os apelos emocionais da aluna; se ele tivesse uma visão mais ampla da realidade emocional humana, haveria possibilidade de entender a angustia de Carol e, inserir nela, o conhecimento que buscava, concedendo-lhe a aprovação. Não teria um final tão cruel e angustiante, onde seu ego espatifou-se na superfície da humilhação; desesperado por não possuir as ferramentas adequadas do agir para preservar a sua continuidade, terminou com uma ação instintiva e bruta, agredindo fisicamente Carol.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse trabalho reflexivo à luz da psicanálise, observei que a relação professor-aluno resulta das transferências de afetos da relação original do aluno para o professor, na hostilidade ou amor que o aluno dispensa à relação pedagógica, está presente também o sentimento de encantamento que nutre pela autoridade docente, por ocorrer em nível inconsciente, não está vinculada a idade do aluno, ocorrendo tanto no período do ensino fundamental e médio ou mesmo na graduação e pós-graduação, onde o indivíduo é, previsivelmente maduro.

As indagações que outrora fazia, foram plenamente conhecidas e respondidas, entendendo que a sensibilidade emocional do professor com relação ao aluno ocorre porque há um vínculo emocional, às vezes até desconhecido (subjetivo) ao qual reporto-me as palavras de Garrossino (2005:04) “É no espaço de sala de aula que o professor e o aluno trazem, além do conhecimento, os vários personagens de sua história, representados nas fantasias carregadas de amor e ódio. Há neles um constante interjogo de forças conscientes e inconscientes, que se relacionam ora de forma harmônica, ora conflituosa”.

O mecanismo psicológico presente na relação pedagógica que compromete o conhecimento e a sua transmissão é conhecido na psicanálise como transferência, conforme assinala Morgado (2002:63) “Imprimida à configuração da personalidade psíquica pelo processo de identificação, a relação original ressurgue a cada nova relação, como um clichê reimpresso, com a mesma mescla dos sentimentos diversos que a constituíram. Deve-se compreender que cada indivíduo, através da ação combinada de sua disposição inata e das influências sofridas durante os primeiros anos, conseguiu um método específico próprio de conduzir-se na vida erótica – isto é, nas pré-condições para enamorar-se que estabelece, nos instintos que satisfaz e nos objetivos que determina a si mesmo no decurso daquela”.

A responsabilidade pedagógica do professor instiga a perceber que somente por meio da transferência, e sabendo controlar seus impulsos, ele conseguirá ver emergir no processo educativo o desejo pelo conhecimento, retomando a reflexão de Morgado (2002:120) “A transferência de sentimentos ternos predispõe o aluno a cooperar com o professor. Nela não existe lugar para a expressão direta das pulsões eróticas e hostis, presentes, mas sublimadas na pulsão do saber. Na consciência, manifestam-se apenas os sentimentos de afeição e respeito que canalizam as energias do aluno para o trabalho intelectual”.

Finalizo com as palavras de Winnicott (2005:142) “Quando alguém está realizando algo profissionalmente confiável, não pode evitar de se tornar uma figura parental”. (...) “Atos de confiabilidade humana estabelecem uma comunicação muito antes que o discurso signifique algo – o modo como a mãe olha quando se dirige à criança, o tom e o som de sua voz, tudo isso é comunicado muito antes que se compreenda o discurso”.

## 6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. Adolescência Normal. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1992.
- CARTER, B. & MCGOLDRICK, M. As mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma Estrutura para a Terapia Familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CHAMAT, L. S. J. Técnicas de Diagnóstico Psicopedagógico: O diagnóstico clínico na abordagem interacionista. São Paulo: Vetor Editora, 2004.
- CHAUÍ, M. de S. Ideologia e educação. *Educação e Sociedade*. São Paulo: Cortez Editora / Autores Associados / CEDES, Nº 5, 1980.
- CUNHA, A. G. Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DICIONÁRIO AURÉLIO eletrônico; século XXI, 4ª edição. São Paulo: Editora Positivo, 2004, CD-rom, versão 3.0.
- FERNÁNDEZ, A. Os idiomas do aprendente: Análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- FERNÁNDEZ, A. O saber em Jogo: A psicopedagogia propiciando autorias de pensamento, 1ª edição. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- FREIRE, P. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). IN: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, s/d., v. VII, pp. 123-252
- FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). IN: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro, Imago, s/d., v. XII, pp. 145-159.
- FREUD, S. Totem e Tabu (1913). IN: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Trad. de Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro, Imago, s/d., v. XIII, pp. 13-194.
- FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial (1915). IN: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro, Imago, s/d., v. XII, pp. 205-223.
- GARCIA-ROZA, L. A. Freud e o inconsciente, 4ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

GARROSSINO, V. C. P. N. Amor e ódio na relação professor-aluno: Uma contribuição da psicanálise à educação e a psicopedagogia. PUC-SP. 2005 (Monografia Especialização).

JAPIASSÚ, H. & MARCONDES, D. Dicionário Básico de Filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KUPFER, M. C. Freud e a educação: o mestre do impossível. S. Paulo: Scipione, 1989.

LOPES, E. M. T. Perspectivas históricas da educação. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MASETTO, M. T. Competência pedagógica do professor universitário. São Paulo: Cortez, 2002.

MELO, M. L. A. Subjetividade e Conhecimento: Miradas Psico (pedagógicas), 1ª edição. São Paulo: Vetor Editora, 2002.

MILLOT, C. Freud Antipedagogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

MORGADO, M. A. da sedução na relação pedagógica: professor-aluno no embate com afetos inconscientes, 2ª edição. São Paulo: Summus Editorial, 2002.

OLIVEIRA, M. C. A Lei do Pai na Atualidade: A Realidade da Escola in: BASTOS, R., ÂNGELO, D. e COLNAGO, V. Rio de Janeiro: Cia de Freud e Escola Lacaniana de Psicanálise, 2007.

PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. São Paulo: Forense Universitária, 1985.

WINNICOTT, D. W. tudo começa em casa, 1ª edição. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

[WWW.PSICOPEDAGOGIA.COM.BR](http://WWW.PSICOPEDAGOGIA.COM.BR)

[WWW.PT.WIKIPÉDIA.ORG](http://WWW.PT.WIKIPÉDIA.ORG)